

revista

Isarilante

O mundo da
contação de
histórias

ano I - nº 01 - fevereiro de 2012

**"Não é só a história que importa
é a maneira de contá-la."**

Cecília Meireles

Rosângela Trajano contando histórias no Projeto Giges, em 2002.

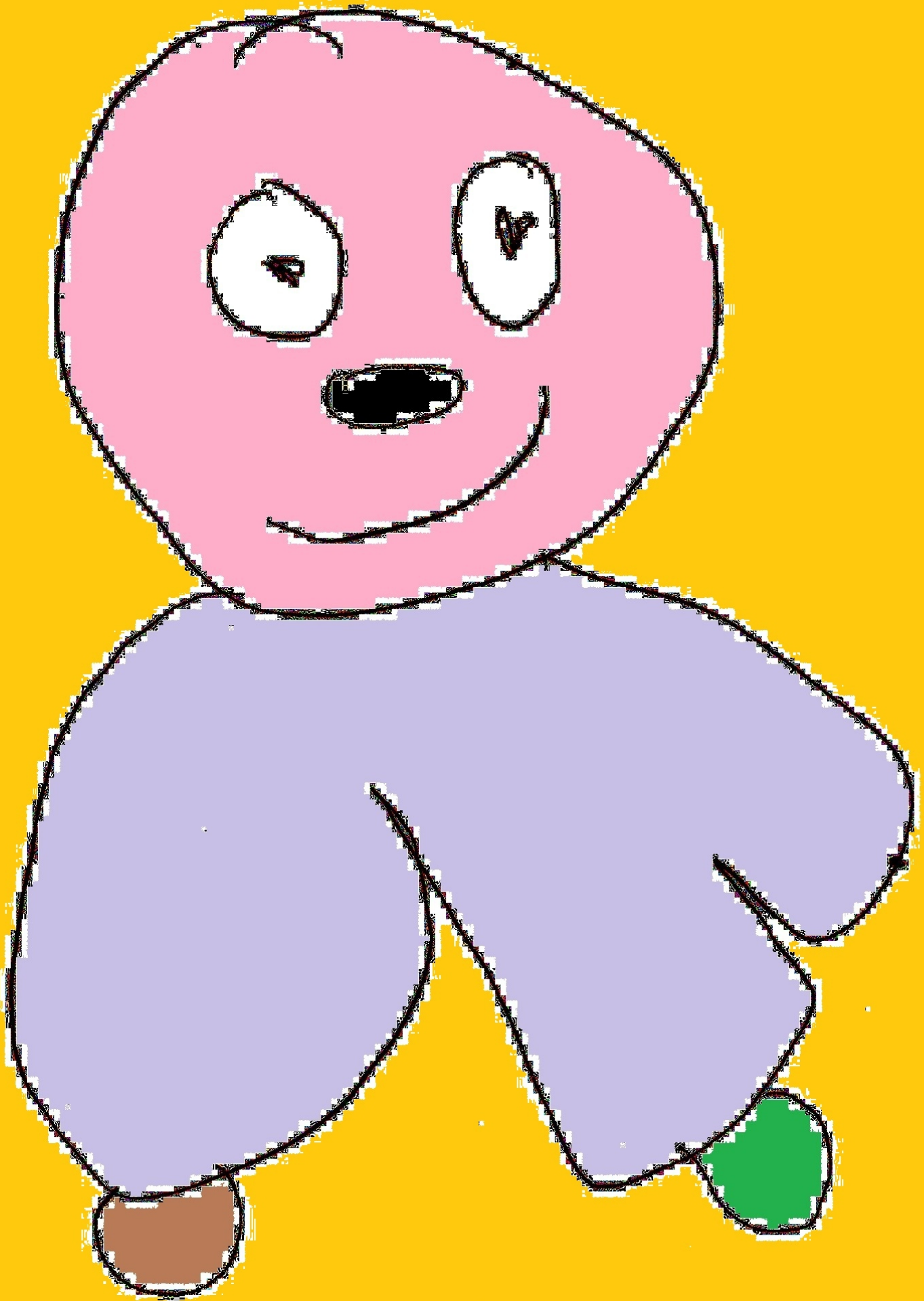


Contar histórias

Contar histórias para crianças é fazer com que a criança viaje no mundo da imaginação e que traga para a sua realidade os personagens, estabelecendo assim uma reflexão sobre o tema em seu dia a dia. Devemos aproveitar que a criança tem por natureza um lado interrogativo com os seus "porquês", trazendo-a cada vez mais para a reflexão, chegando assim a uma opinião própria, seguindo seus próprios critérios, se é certo ou errado. Estimular comportamento ético como: que ela respeite a opinião alheia, da qual poderá ser igual ou diferente da sua, saber a hora de ouvir e a hora de falar etc. A criança bem estimulada terá respostas para questões, como afetividade, criatividade, cognitiva e estímulos verbais preparando-as para a linguagem escrita.

É importante que haja por parte do educador a orientação sobre a coerência e lógica dos assuntos em sua roda de conversa com os alunos. Contar histórias transforma a educação tradicional em uma educação mais aberta ao pensamento, ao diálogo crítico, investigativo, melhorando o raciocínio da criança e que lhe beneficiará às outras áreas de ensino e a sua vida adulta.

Cida Flores



Ora, Histórias!

Alzenir Araújo Santos

Era uma vez uma menina muito inquieta, peralta, corajosa e valente.

Tinha três irmãos homens. Desde cedo aprendeu a se defender do "autoritarismo" deles. Não admitia que os irmãos lhe dessem ordens ou decidissem por ela sobre assuntos estritamente pessoais.

Ela era livre até certo ponto, ou melhor, até a palmatória ou o cinturão falar mais alto. Apanhava do pai do mesmo jeito que seus irmãos. Era só dar motivo.

Uma de suas brincadeiras prediletas era brincar em cima da casa, quebrando as telhas, o acesso não era muito difícil para quem estava acostumada a subir em árvores.

As árvores eram seu esconderijo predileto. Parece até que elas estendiam os braços quando o vento balançava seus galhos e folhas, dizendo: "Venha, menina! Conte pra gente o que você anda aprontando". E ela não contava conversa. Começava a subir, experimentando um galho ou outro. Lá em cima, no "olhinho da árvore", conversava com os galhos e as folhas, observando as outras casas, as pessoas que passavam... E assim, a menina se esquecia das horas. Os pais, tios e irmãos, vendo que demorava para aparecer, começavam a procurar por ela nas casas vizinhas. Ninguém sequer desconfiava que o grande Pé de Castanhola, localizado em frente da casa, era o guardião das peraltices da menina.

Despreocupadamente, esperava uma boa ocasião para descer sem que ninguém visse. Hoje, morre de medo de altura!

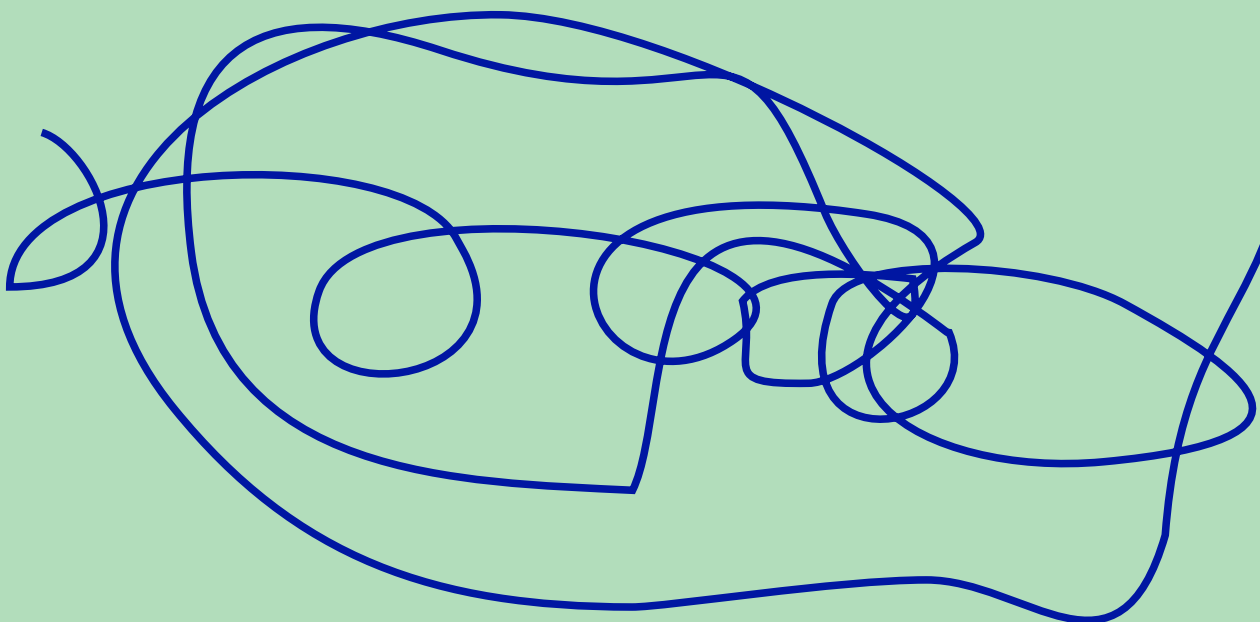
Ah, como gostava de ler! Lia tudo que aparecia, principalmente os livrinhos de bang-bang dos irmãos e as revistas de fotonovelas das primas mais velhas. Tudo escondido. Quando percebia que alguém se aproximava, escondia debaixo do colchão, dentro do travesseiro... Era uma tortura! Quando estava na melhor parte da leitura, lá vinha alguém para estragar sua alegria.

Uma dos momentos mais esperados por ela, era quando o pai, depois do almoço ou da janta, contava histórias da vida dele, da vida sofrida no sertão e de assombrações.

Na escola, apaixonou-se pelo livro As mais Belas Histórias, de Lucia Casasanta. Jamais se esqueceu da história de Epaminondas e da Cabra Cabriola. Até hoje,

procura pelos sebos, algum exemplar deste livro para comprar.

Magricela, inteligente, independente, curiosa. Amava juntar a criançada para contar histórias e brincar de ser professora.



A contação de histórias para crianças

Matilde Pontes

Contar histórias para crianças não é perda de tempo: é um investimento a longo prazo com dividendos garantidos.

É o texto literário o passaporte para adentrar no universo infantil.

O ensino/aprendizagem do texto literário e do texto imagético é de fundamental importância para as crianças, isto é, aprendizes na faixa etária que contempla a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, crianças de três a dez anos aproximadamente.

Através do universo da ficção, do jogo do faz de conta, o leitor/ouvinte se apresenta e se representa no mundo imaginário, na e pela linguagem subjetiva. Nesse jogo simbólico, ele reconstrói representações sociais que muito contribuem na formação social da mente e nas relações interpessoais, quer seja através da oralidade, quer seja através da escrita e do fazer artístico.

É pertinente lembrar que a literatura, assim como a arte, possibilita um olhar macro sobre as realidades e ficções dos protagonistas de forma que, através delas, podemos visitar as demais áreas do conhecimento.

A dinâmica de atividades significativas a partir da contação de histórias, envolvem expressão corporal e leitura expressiva do conto. Quanto à leitura do texto narrativo, ocorre em três momentos: PRÉ-LEITURA que consiste na leitura do contexto, a fim de que possamos fazer o levantamento de hipóteses.

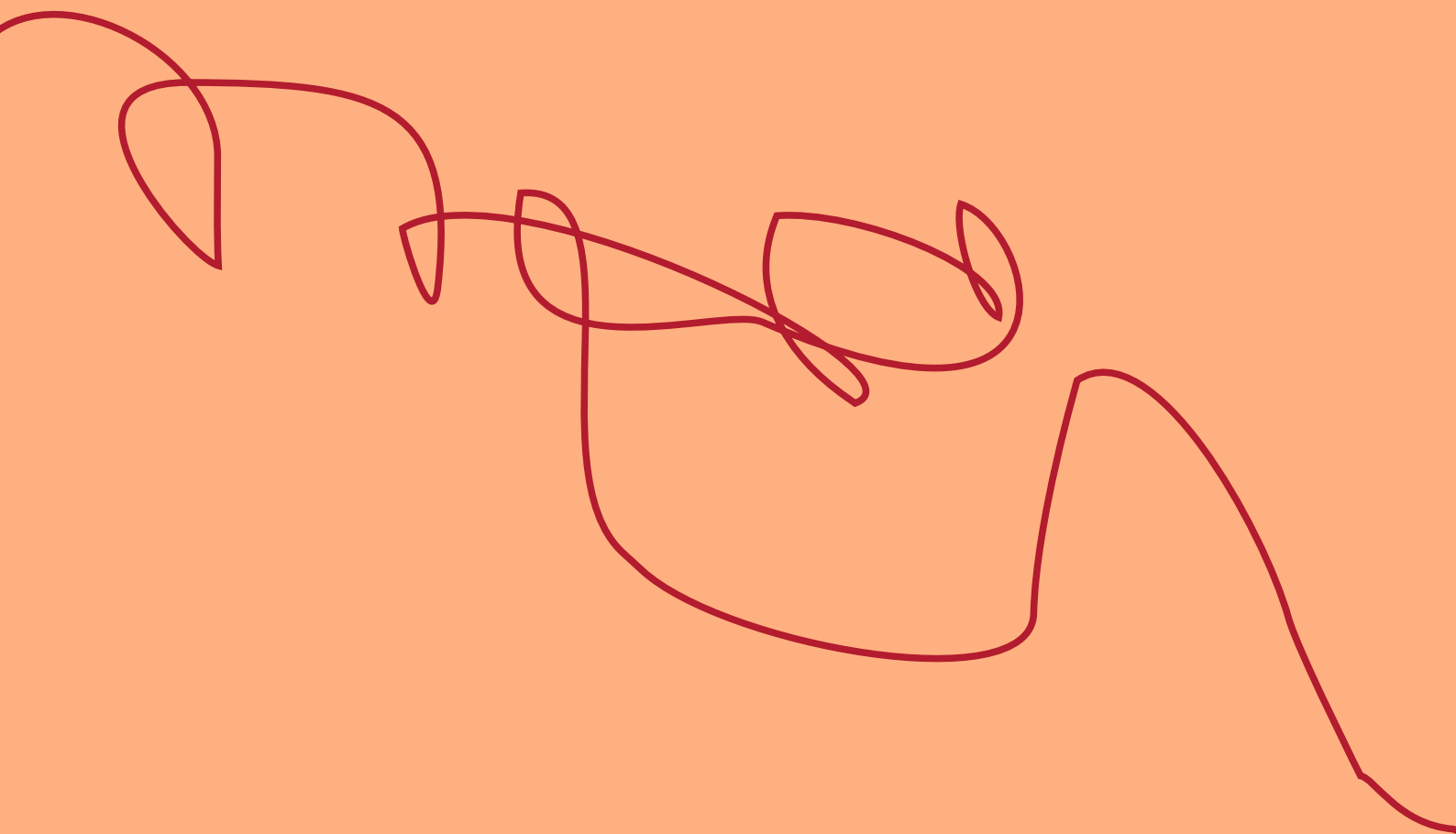
LEITURA que corresponde à leitura silenciosa e/ou a

oralização e dramatização do texto e a PÓS-LEITURA que diz respeito ao novo evento, como afirma Braggio (1998): nesse momento, há uma recuperação textual que não permite ao leitor ter a mesma compreensão que teve na primeira leitura, porque é feita de forma coletiva.

São dicas de atividades significativas: exercícios de concentração, música instrumental, leitura expressiva, utilização de teatro de fantoche, teatro de sombra, dobradura, dança entre outras.

Projetos de contação de histórias contribuem para o processo de formação do leitor/escritor crítico e reflexivo, preparando a criança para o verdadeiro exercício da cidadania, promovendo-a quanto a seu crescimento nos âmbitos pessoal e social.

Para tanto, devem ser utilizados elementos facilitadores que integrem palavra e imagem, resultando na expressão artístico-literária sob um prisma consciente e transformador de uma sociedade.





Matilde contando histórias para crianças em uma escola.

Infância

Elaine Mourad

Na primeira vez em que a vi, acabara de chegar de uma longa viagem e sentia que o mundo era assustadoramente grande para alguém tão pequeno. Agarrei-me às pernas de meu pai e, na ingenuidade dos meus três anos, supus que assim poderia me esconder do medo que sentia daquele olhar que me fitava profundamente com um misto de preocupação e compreensão. Minhas irmãs e eu crescemos sob a contemplação deste olhar.

Minha avó era uma mulher simples, forte, direta e franca. Não adulava ninguém e assim nos criou.

Na lida da roça se fez moça, se fez mulher e entre uma folga e outra do cafezal, da panha do algodão, do corte de cana, vivia seu sonho secreto: aprender a ler.

Conseguiu praticamente sozinha, o que considerava pouco, mas suficiente para ler a sua bíblia, seu jornal, escrever suas receitas, cartas para os amigos e fazer no papel, as leituras que fazia no mundo.

Fomos criadas de maneira muito rígida, entretanto, tínhamos uma deliciosa liberdade para ser criança!

Em casa, todos tinham uma tarefa, como colocar o lixo na rua, lavar a louça depois das refeições e arrumar a própria cama, sem falar da mais importante responsabilidade: a escola.

Toda tarde, depois das obrigações cumpridas, podíamos brincar, até cansar.

Nosso quarto se transformava no que quiséssemos: o beliche, por vezes foi cabana, sobrado, apartamento e a cama de solteiro, casa de bonecas, sofá, biblioteca

loja de roupas e o que mais a imaginação inventasse. Podíamos tirar tudo do lugar, desde que arrumássemos depois.

No quintal, tomávamos banho de mangueira, pulávamos amarelinha, jogávamos bola, muitas vezes pulávamos o muro baixo, para mexer na terra, pegar matinho para fazer comidinha, ou então, nos juntávamos à molecada da rua e brincávamos a tarde inteira de pega-pega, mãe da rua, queima, esconde-esconde e tantos outros jogos que inventávamos.

Nos finais de semana a casa ficava cheia de primos e primas de todos os temperamentos e idades e ali aprendíamos a lidar com todos: ter cuidado com os mais novos, nos defender dos agressivos, ter paciência com os chorões (esta era eu), resolver nossas brigas, nossos impasses, enfim, um mundo de situações e brincadeiras que nos ensinaram tanto sobre tudo. Ninguém ficava nos vigiando o tempo inteiro, nem dizendo tantos "nãos" desnecessários. Ser criança era mais simples e muito mais feliz!

Fomos educadas pelo poder do olhar, do exemplo e da palavra. Pelo olhar, porque era assim que nos comunicávamos, principalmente fora de casa, onde ele era nosso termômetro e nos dizia exatamente até onde podíamos ir. Pelo exemplo, porque, vivenciávamos valores e princípios, de forma natural, apenas sorvendo as relações dos adultos e pela palavra, porque minha avó nos contava muitas histórias: de sua vida, seus amores, de outras vidas, de seus antepassados, do interior, herdadas da mãe de sua mãe.

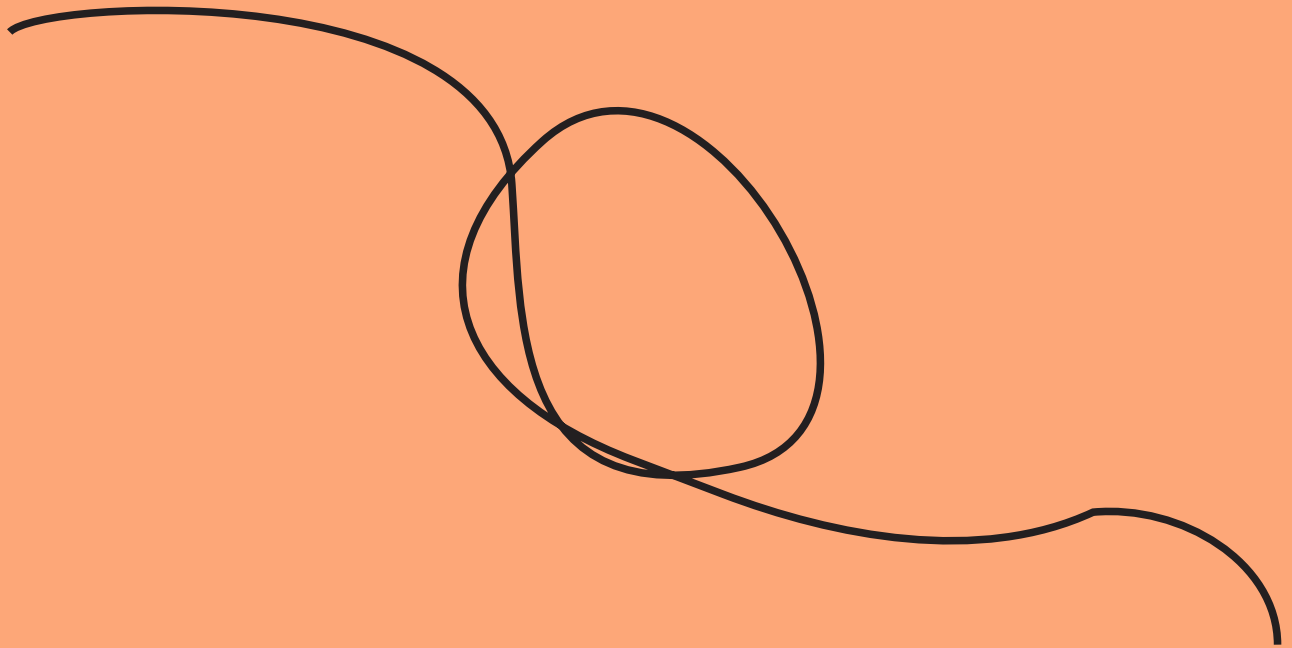
Lembro-me que não havia um momento programado para as histórias, nem nos sentávamos ao redor de uma avó que ia e vinha ao ritmo de uma cadeira de

de balanço. Nossas histórias simplesmente aconteciam. Acho que minha avó as contava quando sentia que por alguma razão precisávamos ouvi-las; durante o banho, no caminho para a escola ou quando faltava energia elétrica. Onde, quando, não importava e sim o quanto elas nos tocavam, arrebatavam e nos transportavam.

Quando ia nos ensinar algo importante sobre a vida, começava sempre por uma história. Ouvíamos atentas as aventuras do pastorzinho e os tormentos causados por suas mentiras, as tristezas atraídas pela mulher que praguejava contra a vida, o triste fim do homem que desrespeitava seus pais, o homem que mandou seguir o próprio enterro por preguiça de preparar um arroz, sem contar as histórias da vida real, que por vezes, nos comoviam e nos mostravam que todos passam por tristezas, a diferença, entretanto, está nas escolhas que cada um faz a partir de seus infortúnios. Assim, nos ensinou o valor da vida, do amor, do respeito ao outro, da dignidade, dos estudos, do trabalho e de ser mulher; seguir adiante, apesar dos momentos difíceis.

Hoje sou mãe e por vezes me pego repetindo para a minha filha as histórias que aprendi com a minha avó. Sei que faço isso em sua memória, como uma maneira de agradecer e reviver, mesmo de maneira inversa estes momentos que me marcaram definitivamente. No entanto, busco proporcionar a mesma oportunidade que tive de entender o mundo, as pessoas e a mim mesma de forma tão verdadeira, afetiva e prazerosa, mas principalmente, incentivar, a minha pequena a ser dona do próprio destino, escolher os pincéis e as tintas para pintar a vida como quiser e escrever a sua própria história.





O meu Juazeiro

A árvore na praça
É um juazeiro.
Quase no quintal de casa.
Eu ainda criança
Sei que ela é a mais linda do mundo.

Jean Sartief





Seu Fortunato, o meu pai, Era contador de histórias

Rosa Regis

Às vezes fico pensando
Como a vida é diferente
Do tempo da minha infância.
As lembranças vêm à mente
Deixando a lacrimejar-me
Os olhos, pois, mansamente.

Morando no Jerimum ¹
Com meus pais, numa casinha
De taipa, tenho a lembrança
Que todo dia, à tardinha,
Meu pai contava uma história
Aqui pra sua filhinha.

E era sempre uma história
Rimada e metrificada
Que ele trazia na cuca.
Uma história decorada
De dragão, reinado, príncipe
E de princesa encantada.

Histórias que me levavam
A lugares encantados
E a sonhar com bonecas
De cabelinhos dourados
Pois a minha era de milho
Plantado ali nos roçados.

Tinha histórias de dragão,
De duques e de duquesas,
Rainhas más, que traíam
E maltratavam princesas
Mas que eram castigadas,
No fim, por suas vilezas.

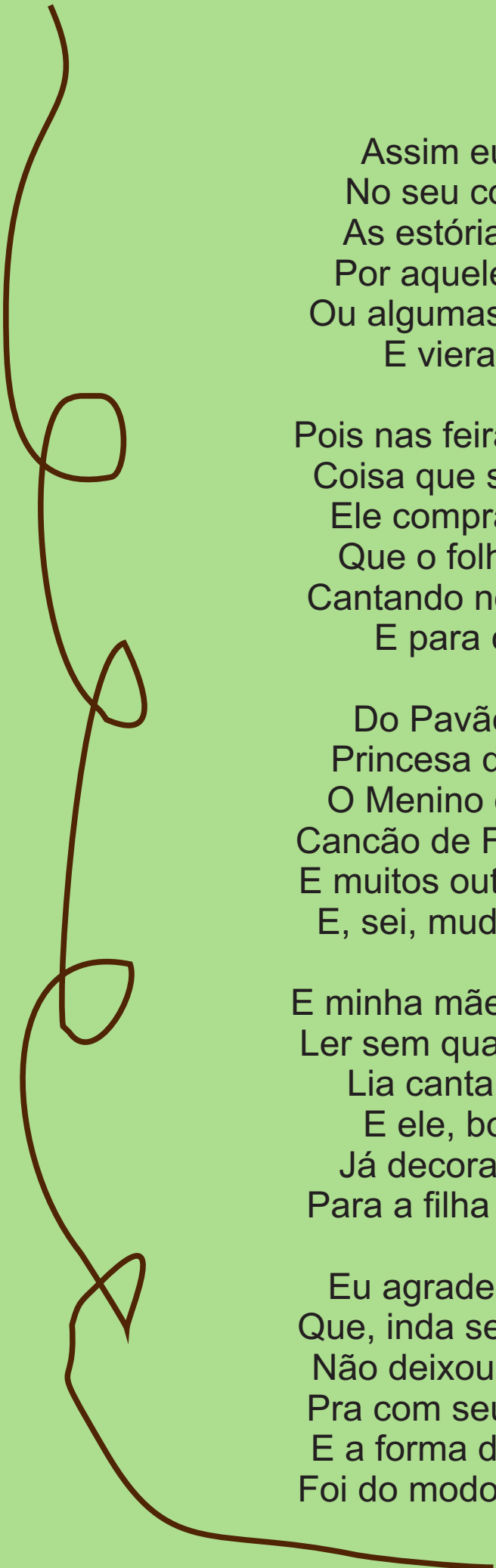
Histórias de traição
Por ambição, por dinheiro,
Que trazia, no final,
Um castigo verdadeiro
Para aquele que traía.
Seguindo, assim, um roteiro.

Histórias de amor perfeito
Onde o par apaixonado,
Pela ambição dos pais
Via-se, pois, separado,
Mas que no final na estória
Terminavam lado a lado;

De animais que falavam
E pensavam como gente
Que tinham comportamento
Sempre mui reto e decente,
Dando-me lições em versos,
Tornando-me consciente;

Histórias de lobisomem,
De zumbi, alma penada,
Que me deixava, por vezes,
Com a pele arrepiada.
E pra aliviar um pouco,
Já contava uma de fada.





Assim eu adormecia
No seu colo, a escutar
As estórias inventadas
Por aquele pai sem par,
Ou algumas que ele ouvira
E viera a decorar.

Pois nas feiras, no Domingo,
Coisa que sempre ocorria,
Ele comprava um cordel
Que o folheteiro vendia
Cantando no meio da feira,
E para casa trazia.

Do Pavão Misterioso;
Princesa da Pedra Fina;
O Menino dos Bodinhos;
Cancão de Fogo, o traquina,
E muitos outros, que lembro
E, sei, mudou minha sina.

E minha mãe, que aprendera
Ler sem qualquer professor,
Lia cantando o cordel,
E ele, bom receptor,
Já decorava e passava
Para a filha (eu) com amor.

Eu agradeço ao meu pai
Que, inda sendo analfabeto,
Não deixou de demonstrar
Pra com seus filhos o afeto
E a forma de demonstrá-lo
Foi do modo mais completo:

Cantando velhas modinhas
E cordéis metrificados;
Contados estórias diversas
De rainhas e reinados;
De bichinhos que falavam,
De castelos assombrados.

E pra que isso não morra,
Eu quero continuar
A contar belas estórias
Que possa vir a alegrar
A meninada que, agora,
Leva a vida, a toda hora,
Na Internet a navegar.

Natal/RN - 19.01.2012 - 00:36h



FADAS E BRUXAS

Metade de mim é fada,
a outra metade é bruxa.
Uma escreve com sol,
a outra escreve com a lua.
Uma anda pelas ruas
cantarolando baixinho,
a outra caminha de noite
dando de comer à sua sombra.
Uma é séria, a outra sorri;
uma voa, a outra é pesada.
Uma sonha dormindo,
a outra sonha acordada.

Roseana Murray

in Pêra, Uva ou Maçã, ed. Scipione, 2005
www.roseanamurray.com



Sobre Histórias e Humanos...

* Ana Cássia Barbosa Nogueira

Alguns dizem que para escrever uma história é preciso se estar inspirado... Mas para outros, basta a gente olhar para o céu, perguntar (mesmo que ninguém esteja ouvindo) sobre as estrelas... e pronto! A história nasce!

Há também aqueles que sofrem para escrever e usam dois tipos de fala; uma que se refere à escrita como algo penoso, do tipo: *“escrever requer trabalho e dedicação! Não é qualquer somatório de letras e frases que compõem uma BOA história!”* Outros, falam do sofrimento sentimental (a maioria atrelando ao chamado “mal de amor”): *“para se escrever um bom romance, uma boa poesia, ou mesmo uma boa música, a gente tem que tá sofrendo, cara! Senão, parece que a coisa fica superficial e sem graça!”*

Não se pode esquecer os que fazem da escrita algo tão complicado e inacessível que suam frio, antes de desenhar qualquer tímido “a”. E, caso “a coisa” tenha que começar com “era uma vez...”, torna-se um martírio impensável! Fecham as portas de si mesmos, recuando cabisbaixos e repetindo sempre algo como: *“não sei escrever! Esse negócio não é mesmo para mim!”* Mas quem observa de “fora”, não raro encontra nestes momentos uma lágrima deslizando rapidamente no canto do olho, ou uma vontade de que ela caia, contida e enterrada em páginas de traumas e desencantos, escritos em códigos que nem todos conseguem decifrar.

Sim, ia me esquecendo! Há um percentual considerável de pessoas que afirmam não gostar de literatura, em contraposição aos números, que fala mais ou menos assim: *“esse negócio de ler...”* fazem uma cara meio enojada e continuam: *“não é comigo! Gosto mesmo é dos números! Acho mais fácil entender essa linguagem do que aquilo que os caras escrevem naqueles livros! É muita chatice, meu!”*

Pois é! Aqui cabe uma lamentação, proveniente de uma constatação lógico-poética (se é que isto existe): **todos somos escritores, leitores e contadores de**

histórias, mas nem sempre percebemos ou VALORIZAMOS isto! Todos os dias escrevemos, literal ou metaforicamente falando. Quando acordamos pela manhã, é a página de um novo dia que vamos encontrar e todos os nossos pensamentos, sentimentos e ações estarão sendo grafados nela, que se fecha ao final do anoitecer. É claro que esta página sempre pode ser revisitada, relida, mas infelizmente (e muitas vezes FELIZMENTE) não pode ser reescrita; aquelas marcas, daquele dia, foram aquelas e precisam ser aceitas... Entretanto outros dias e, portanto, outras páginas sempre reaparecem e se trata de uma nova chance para escrevermos algo novo, riscarmos linhas antigas que não desejamos mais, rabiscarmos projetos, inserirmos letras mais gostosas, sons mais revigorantes, escrevendo-se mais um episódio histórico na grande e inusitada “história mundial”, da qual fazemos parte, (e por que não repetir?): DIARIAMENTE.

Sobre nossa habilidade para a leitura, o que eu poderia dizer? Muitas coisas, sem dúvidas, mas acho que **primorosa** é uma palavra que a define bem! É um **primor** nos darmos conta de que, em nossa vida intrauterina já líamos o mundo ao nosso redor! Aprendíamos sobre os batimentos cardíacos da mãe, sobre os barulhos do mundo externo, sobre nosso próprio corpo. Líamos nossa fome, nossos medos e alegrias, nossas conquistas por mais espaço até finalmente sairmos e encontrarmos um espaço maior. Ao nascermos, a leitura do mundo nos vislumbra! Atinge tão cheio nossos olhos e nosso peito que a reação da maioria de nós é chorar. Uma leitura magnífica... o choro atrelado à vida, num paradoxo que nos acompanhará desde então: vida-morte-vida. Lemos as emoções deste grande livro.

Algumas vezes interpretamos errado alguns trechos e outras lágrimas nos visitam nesta grande peregrinação humana por tentarmos decifrar as linhas da vida e dos seres que a compõem e que transitam ao nosso redor, misturando suas cores às nossas na composição de um quadro muito maior, que também ansiamos por desvendar a leitura.

E as histórias? Contamo-las SEMPRE... para nós mesmos, às vezes em gestos simples como quando tomamos banho de tal ou qual maneira, quando ouvimos

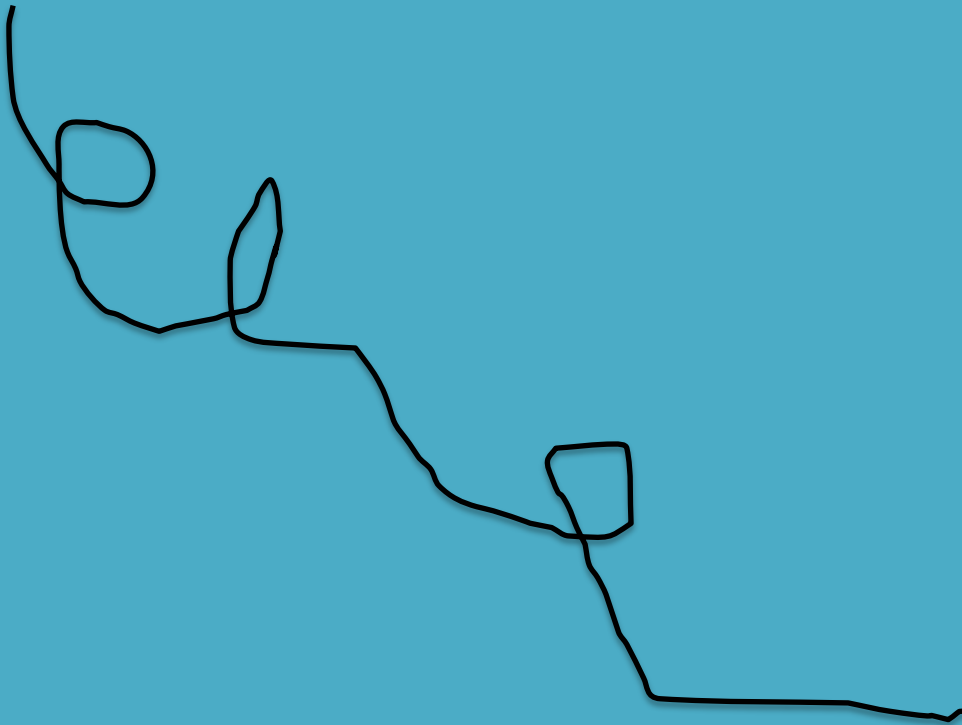
aquela música trezentas vezes enquanto dirigimos, quando passamos por aquela rua só para ver se encontramos novamente aquele canteiro de rosas florido, ou quando usamos um perfume para nos lembrarmos de um acontecimento vivido... São todas formas de contarmos histórias que, na maioria das vezes, reverberam dentro de nós e que não nos atrevemos a narrar para ninguém!

Também contamos histórias quando falamos sobre os sonhos que tivemos noite passada (às vezes, parecem mais um filme de terror, mas nos faz um bem danado falar delas), quando conversamos com alguém sobre nossa vida (fatos passados ou imaginados), quando falamos sobre um filme que gostamos de ver (nestes casos é melhor interromper rapidamente, antes que a pessoa conte até o final e fique sem graça assistir), quando comentamos sobre uma partida de futebol, uma jogada de xadrez, sobre alguém bonito ou sem graça com quem cruzamos na rua, ou simplesmente quando deitamos a cabeça no travesseiro e rememoramos o dia que finda. Todas são histórias... que, aliás, rendem filmes, livros, músicas, em todas as partes do mundo, todos os dias!

É do sabor da simplicidade, da *des-complicação* que precisamos! A escrita, a leitura, as histórias não moram distantes de nós, em patamares cheios de regras, precisões ortográficas, formatações gramaticais, enquadramentos técnicos, capacitações teóricas especializadas. Elas moram dentro de cada um de nós, com suas especialidades e especificidades. São como nossas estrelas particulares internas. Piscam e nos revelam trechos do mundo, piscam e nos fazem chorar ou sorrir, piscam de novo e nos permitem decifrar enigmas (inclusive numéricos), voltam a piscar e escrevemos um livro impresso em papel, piscando novamente nos revelam a luz do dia que se inscreve em nossos corpos, piscando de novo as narrativas da lua aparecem, mais uma vez, e outra mais... E nós, cheios desta luz estelar, vamos também lançando brilho e luminosidade com nossas escritas, leituras e histórias, dando nascimento a tantas outras! Era uma vez...



* Bacharel em Ciências Sociais – UECE-CE, com trabalhos em Antropologia do Corpo, Antropologia Cultural e das Imagens; Especialista em Arteterapia – POMAR-RJ; Especialista em Psicologia Transpessoal – UNP-RN; Formação na Metodologia Teia da Vida para atuação em terapia comunitária – CE; Formação básica em Teatro, Dança Terapêutica e Etnomusicologia – CE e RJ; Contadora de Histórias; Poetisa; Em formação terapêutica na Dinâmica Energética do Psiquismo –DEP-CE.





Raquel e as três vontades!

Sônia Smijevski Ferri

O livro “A Bolsa Amarela”, de Lygia Bojunga, conta a história de Raquel, uma menina que tinha três vontades: a de ser garoto, a de crescer e a de escrever. Essas vontades são grandes, como grandes são os conflitos gerados entre a família e Raquel, que na qualidade de criança não tem vontades, nem direito de escolher ou opinar.

Para a protagonista, ser criança e ser mulher é sinônimo de proibição e restrição. Numa passagem do livro em que Raquel discute com o irmão, deixa clara e justificada sua vontade de ser garoto: “... acho muito melhor ser homem do que ser mulher... Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode”.

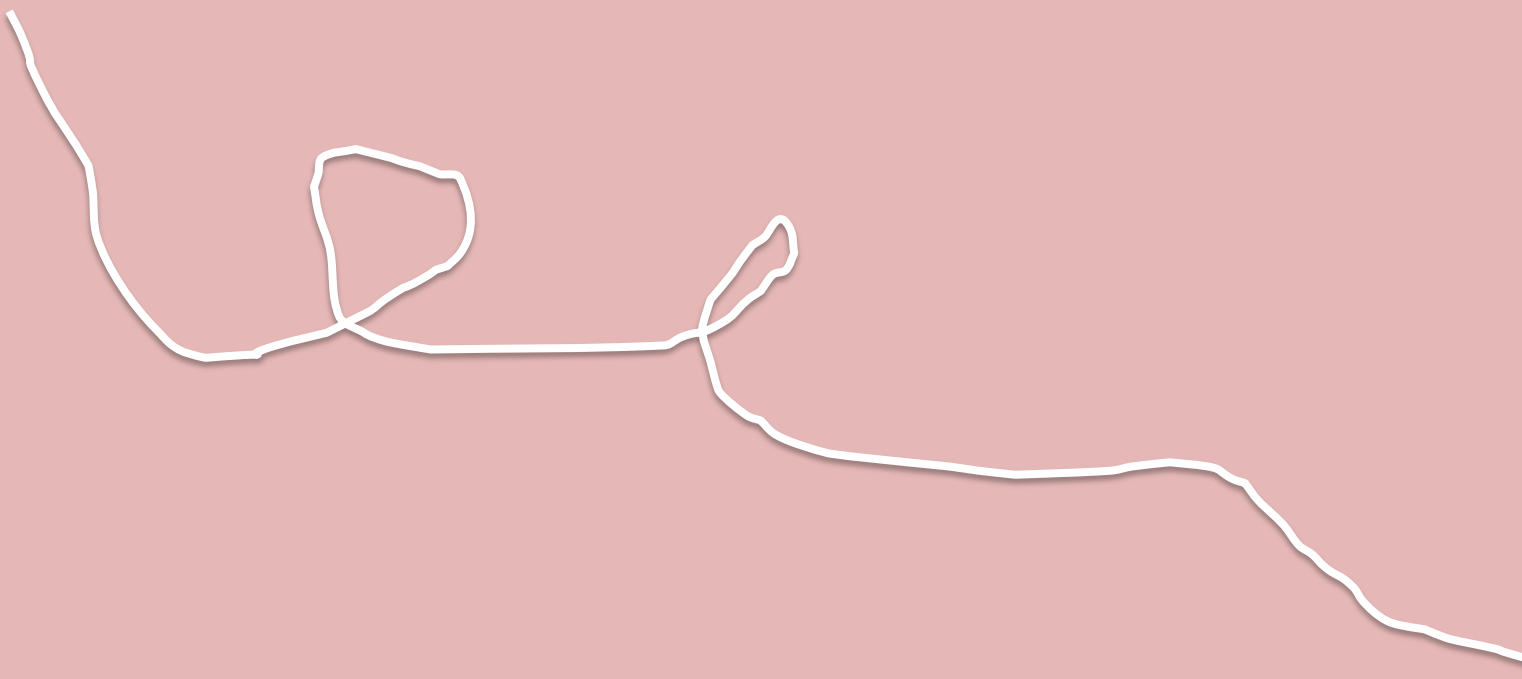
Dentro da história principal existem outras histórias que mostram o desdobramento dos desejos de Raquel, como a do Galo Afonso, que conta a história de um galo que foge do galinheiro por não concordar com as regras e por querer lutar pelas suas ideias, apesar de não saber que ideias são essas. A figura masculina que ela tanto deseja ser, a situação que a sufoca e os questionamentos que surgem em Raquel estão representados no Galo.

A “História do Alfinete de fralda (que mora no bolso bebê da bolsa amarela)”, narra o dia em que Raquel encontra perdido na rua um alfinete de fraldas e o guarda no bolso menor da bolsa, chamado por ela de bolso bebê. A criança Raquel, a inocência, o puro estão representados no alfinete, tanto que ele fica lá quietinho, guardadinho no bolso bebê da bolsa até a hora de estourar as vontades dela. Com o alfinete, Raquel parece querer mostrar que apesar da vontade de ser grande, ela não abandona a criança que é.

O guarda-chuva mulher, ou “a” guarda-chuva como a protagonista gosta de chamar, que Afonso deu de presente à Raquel. O guarda-chuva que fica grande quando quer, representa o desejo da menina de crescer, porém conciliada ao gênero feminino. Mesmo assim, não parece ser definitivo o desejo de crescer, Raquel parece querer crescer quando quiser e voltar a ser criança quando quiser, já que o que torna a guarda-chuva grande é uma haste que se alonga e que se retrai.

O “Galo Terrível”, primo de Afonso, um galo de briga que teve o pensamento costurado com uma linha bem forte e só conseguia pensar em brigar e vencer, que vai brigar sua briga vai fazer o que tem de ser feito, parece uma das várias “Raquéis”, o garoto que ela queria ser, porém o contrário de Afonso que foge, o Galo Terrível briga, luta e vai embora num barco junto com a linha forte que conseguiu se soltar e libertar o pensamento de Terrível, libertando também Raquel da sua briga interna com suas vontades.

Seguindo Terrível, se vão também Afonso, que finalmente encontra uma ideia pela qual lutar, não deixar que mais ninguém tenha o pensamento costurado e a guarda-chuva que sonha em ser paraquedas e com eles vão-se também os desejos de ser garoto e grande, mas permanece a vontade de escrever e deixar guardada a criança, assim como deixou no bolso bebê da bolsa amarela o alfinete de fraldas.



CONTAÇÃO DE HISTÓRIA EM VERSOS

Ednaldo Guedes

RELATAR UMA HISTÓRIA
É UMA ARTE MILENAR
QUE PRENDE O OUVINTE
PRA MEMÓRIA RESGATAR
ADQUIRIR CONHECIMENTOS
E AS IDEIAS RENOVAR

PODE SER DA PRÓPRIA VIDA
OU DE QUANDO ERA CRIANÇA
RELATADA PELOS AVÓS
RELÍQUIAS DA LEMBRANÇA
OU MESMO PELOS PAIS
DESPERTANDO A CONFIANÇA

QUEM CONTA PRA ENSINAR
TERMINA APRENDENDO
O QUE FALTAVA LEMBRAR
VAI SEMPRE APARECENDO
NO OUVINTE CAUSA ESPANTO
O RELATOR SURPREENDENDO

SERVE PARA ENCANTAR
OU DESPERTAR ATENÇÃO
EXPONDO SEMPRE RECONTA
TRAZENDO UMA LIÇÃO
O OUVINTE FICA QUIETO



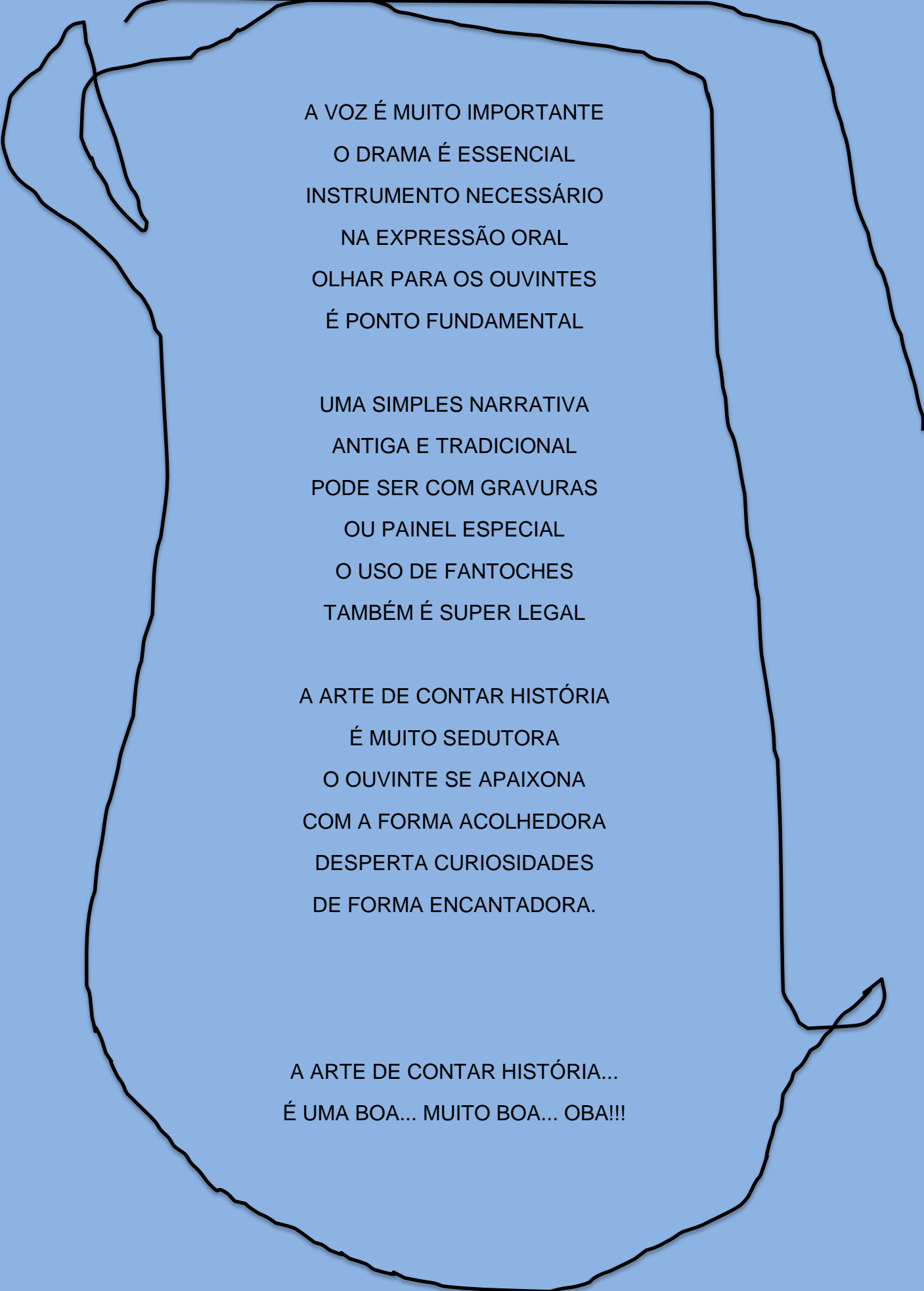
O CONTADOR BRINCALHÃO

ENCANTA O PÚBLICO OUVINTE
EMPOLGA O CONTADOR
SEMPRE ARRANCANDO SORRISOS
ENFEITIÇA O RECEPTOR
DISPENSA DECORAÇÃO
BASTA APENAS SER ORADOR

PRIMEIRO A INTRODUÇÃO
PRA DEPOIS DESENVOLVER
A EMOÇÃO DE QUEM CONTA
FAZ O CLÍMAX ACONTECER
MUITA ATENÇÃO PARA CONCLUIR
E O OUVINTE ENTENDER

PREPARAR O AMBIENTE
TAMBÉM É IMPORTANTE
MESMO DE FORMA ORAL
O CORAÇÃO RADIANTE
AUMENTANDO MAIS UM PONTO
PRA FICAR MAIS FASCINANTE

EXISTEM OS ELEMENTOS
QUE SÃO PRIMORDIAIS
NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS
TEM EFEITOS ESPECIAIS
EMOÇÃO E ESPONTANEIDADE
SÃO SEMPRE FUNDAMENTAIS



A VOZ É MUITO IMPORTANTE
O DRAMA É ESSENCIAL
INSTRUMENTO NECESSÁRIO
NA EXPRESSÃO ORAL
OLHAR PARA OS OUVINTES
É PONTO FUNDAMENTAL

UMA SIMPLES NARRATIVA
ANTIGA E TRADICIONAL
PODE SER COM GRAVURAS
OU PAINEL ESPECIAL
O USO DE FANTOCHES
TAMBÉM É SUPER LEGAL

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA
É MUITO SEDUTORA
O OUVINTE SE APAIXONA
COM A FORMA ACOLHEDORA
DESPERTA CURIOSIDADES
DE FORMA ENCANTADORA.

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA...
É UMA BOA... MUITO BOA... OBA!!!



Falar e ouvir faz bem ao coração

Entrevista com Elizabete de Medeiros

Qual a importância da contação de histórias na sua vida?

A contação de histórias faz parte da minha vida desde minha meninice. Quando eu era pequena morava no interior e lá tinha o hábito de ouvir histórias, isso me ajudou na minha relação com a natureza e as pessoas. Ajudou também na minha disciplina para enfrentar melhor os problemas da vida,



formou em mim uma identidade com as coisas e as pessoas com as quais me relaciono e a minha profissão.

Para você o que a contação de histórias proporciona às crianças?

Se ela é bem contada proporciona prazer de entrar nesse mundo imaginário que é conduzido pelo contador de histórias. Se a história não é bem contada, se o contador não vivenciar a história não vai passar bem a história para a criança que pode até vir a chorar ou a sorrir. Tem que ter uma sedução, um carinho, o amor é essencial.

Qual a importância da contação de histórias na sala de aula?

Quando ela é contada na sala de aula é preciso uma preparação porque a criança já vive naquele ambiente. O espaço, as cadeiras, a mesa do professor. Fora isso é a mesma coisa de contar em outro lugar. É a questão do cenário e do espaço.

Para você o que caracteriza o bom contador de histórias?

É ele gostar de contar histórias, ler muito, gostar de crianças e ter um preparo psicológico e experiência com crianças e textos. A leitura

fundamenta tudo, a não ser os griots que já têm uma formação e saber do seu passado.

Há quanto tempo você conta histórias?

Há 20 (vinte) anos seja em escolas, praças, auditórios, ruas e até mesmo nos sítios.

Como surgiu a contação de histórias na sua vida?

Cresci com o hábito de ouvir as pessoas contar histórias. Eu fazia o curso de Letras, pagava a disciplina de Literatura e fiz uma releitura dos contos de fadas. Gostei muito de Chapeuzinho Vermelho. Iniciei na Escola Acrísio Freie, em Lagoa Nova.

Você acha que contar histórias é um dom?

Sim. Porque você já nasce com aquela vontade de contar, é algo que está dentro de você.

Mas também precisa de técnica?

Precisa de técnica e estudos, atualmente. Muita leitura dos textos de literatura. Estudo de performance, trabalho da voz e tantas outras coisas.

Qual o ambiente necessário para contar histórias?

O melhor ambiente é aquele onde tem crianças interessadas em ouvir histórias. Até mesmo em filas de bancos, grupos de pessoas reunidas numa praça, no caixa do supermercado, em qualquer lugar a gente pode contar uma boa história.

Você acha que os contadores de histórias estão desaparecendo?

Não. Acho que falta as pessoas se descobrirem contadoras de histórias. Tem sempre alguém contando uma história qualquer. Você vai tomar um cafezinho na esquina tem um cliente contando do que aconteceu com ele na noite passada tim tim por tim tim, só que ele não sabe que aquilo é uma história.

O que é uma boa história para você?

É aquela que prende quem está ouvindo, há a empatia do público com o contador.



Como você se sente depois de contar uma história?

Eu me sinto muito bem e aliviada, porque sei que realizei uma coisa que gosto e ficou algo no coração de quem ouviu. É como plantar uma sementinha no coração do outro.

Os adultos precisam ouvir histórias também?

Sim, claro. Para despertar a imaginação e a criança que mora dentro dele, renascer a infância e os desejos da meninice.

Os griots estão desaparecendo?

Os mestres, sim. Os verdadeiros griots estão desaparecendo, porque não há uma valorização da memória. Os órgãos competentes não oferecem recursos para preservação da memória e cultura popular. Falta um encontro dos mestres com os novos contadores de histórias.

O contador de histórias vive melhor?

Sim. Melhora a qualidade de vida, atenção com o corpo, a voz, observa o mundo melhor. A relação das pessoas com os outros fica mais próxima, mais humana, diria eu. Até mesmo seu nível de leitura é melhorado.

Quanto tempo você acha que deve durar uma contação de histórias para crianças?

Não deve ser longa e se for tem que ser bem preparada. É um tempo curto. Cerca de 20 (vinte) minutos.

Como você vê o uso das onomatopeias e dos sons em geral na contação de histórias para a criança?

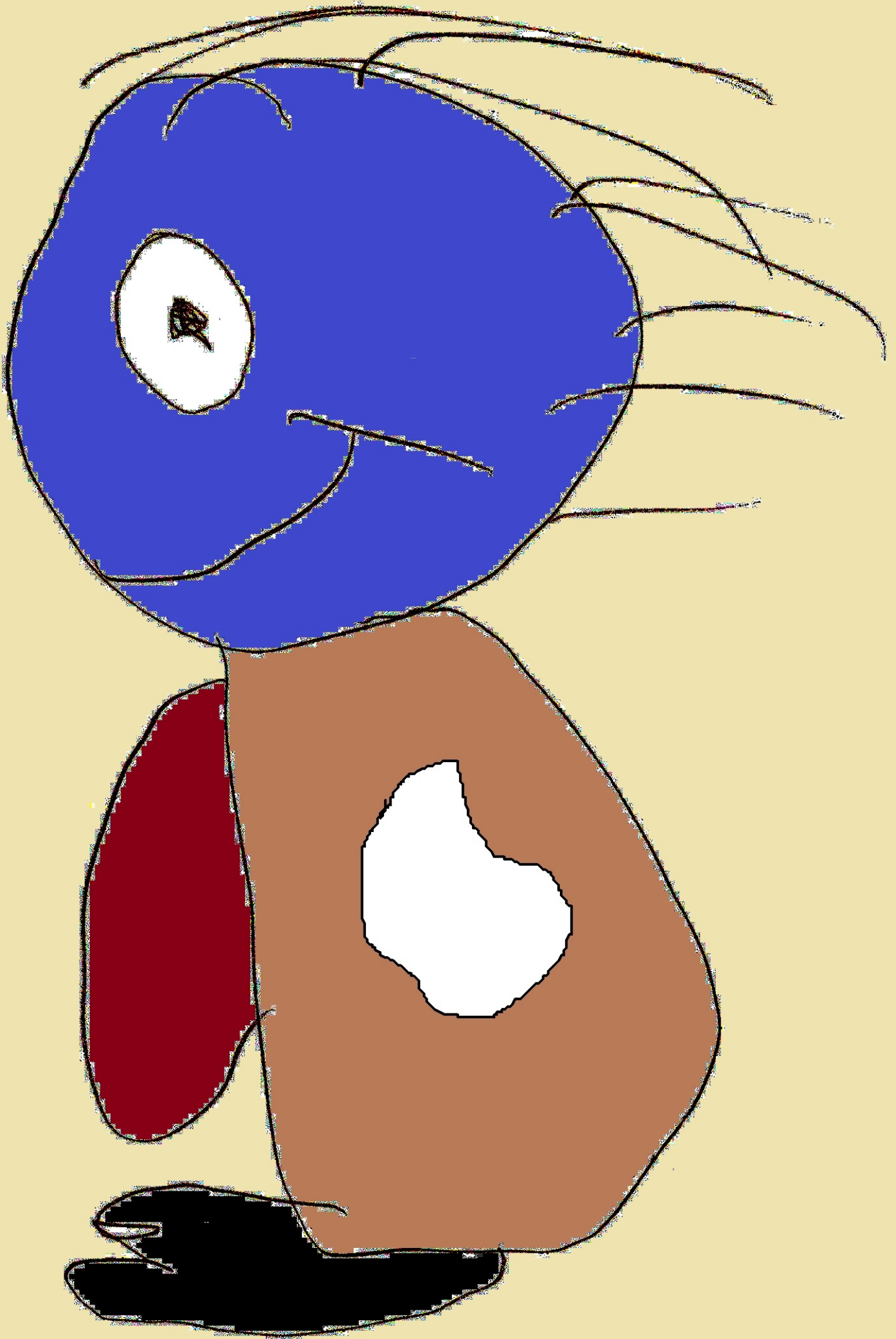
O uso das onomatopeias é um bom recurso quando se conta histórias para crianças, porque o tempo flui sem elas perceberem. Sem contar que é a oralidade pura que passa as emoções, é o que vai conduzindo o colorido das palavras, dos personagens. É a interpretação das vozes. O contador de histórias precisa dá o lúdico e dá vida as personagens. Como por exemplo os latidos de um cão, as batidas do sino da igreja tem, tem, tem... isso vai levar ao silêncio, ao suspense da história. O canto dos pássaros cria uma imaginação visual, o barulho da água cria um rio dentro da criança, o miado do gato, a voz do lobo, isso tudo faz a criança que nunca viu um lobo criar seu próprio lobo imaginário. A criança gosta desse jogo dos sons.

A rima e a onomatopeia proporciona essa brincadeira. O menino brincando com o carrinho, o carro cai, pummmmm. Provocou na criança o sentir, o ouvir, o ver.

O que faz com que você até hoje conte histórias?

O amor. É. O amor que tenho pelas crianças e pelas histórias. O amor é tudo nessa vida. Sem amor não dá para contar histórias.





As infâncias impossíveis em Clarice Lispector

Ilza Matias de Sousa*

As infâncias impossíveis em Clarice Lispector levam-nos à gagueira da linguagem. Essa questão aparece na filosofia deleuziana (1995) que nos inspira esse escrito e nos fez despertar para isso que parece uma deficiência, um embaraço fônico de gogos, mas que nos aponta para uma qualidade da própria linguagem humana, à qual é atribuída uma relação onomatopaica com a língua, dissociada de sua função simbólica.

A tradição gramatical e lingüística entende a onomatopeia como inepta, assim como o corpo que a produz, restando-lhe ser um recurso da “tartamudez” ou gagueira em sua constituição “anômala”. E a tal caráter entendido como defectivo atribuir-se-ia uma espécie de infantilidade, o que colocaria os gogos na categoria de menoridade, destituídos de poder de representação e ligados aos efeitos dos objetos sensíveis e menores.

Deleuze traz esse dimensionamento para o âmbito da literatura e insinua no escritor um personagem “menor” e inquietante, assumindo sua gagueira, seu esforço lento e feito de interrupções ao mobilizar combinações articulatórias no ato de escrever, considerando esse ato como um “devir criança [...], um “ir em direção à infância do mundo e restaurar essa infância” (Ib.). Diz nosso filósofo francês contemporâneo (Ib.): “Eis as tarefas da Literatura”. De uma literatura que faz fracassar todo o saber e todo poder, afirmamos nós. Ele prossegue (Ib.): “Quer dizer de fato que escrever é mostrar a vida. É testemunhar a favor da vida, dos idiotas que estão morrendo. E, ainda (Ib.): “É gaguejar na língua”.

O escritor reencontra a infância do mundo e narra-a, não como uma experiência particular e repetida, sim, como aquilo que vai do impossível ao verdadeiro. Nesse sentido convergimos com as afirmações do filósofo da educação, Jorge Larossa (1998), na sua crítica às ações educativas, as quais, para ele, intentam situar a infância numa continuidade cronológica e submetida a um esquema de possibilidades e poder institucionais, o qual o estudioso interpela (Ib., p.68):

A infância é algo que nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições já capturaram: algo que podemos explicar e nomear, algo sobre o qual podemos intervir, algo que podemos acolher.

Entretanto, reflete Larossa (Ib., p.69):

... a infância é o outro: o que, sempre, muito além do que qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio no qual se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhida. Pensar a infância como algo outro é, justamente, pensar essa inquietude, esse questionamento e esse vazio. É insistir mais uma vez: as crianças esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua.

As infâncias impossíveis e esses seres estranhos são imagens poéticas desse outro, absolutamente novo e aberto ao desconhecido, irreduzível a apropriações de qualquer natureza. Afirma belamente Larossa ((Ib., p.70): é “... o que permanece ausente e inabarcável, brilhando sempre fora” dos limites do poder e da representação, provocando nestes uma vertigem, arrancando-os de suas presunções.

É o que vemos na literatura clariciana: a abertura para a chegada do desconhecido, do indefinido, do indeterminado que conduzem à perda da ideia da infância como estabilidade, continuidade do mundo e aprisionada em representações deste. O que nasce irrompe contra a continuidade e nos introduz no descontínuo, dando-se nesse nascimento a passagem do impossível ao verdadeiro, se tomarmos as reflexões da também filósofa da educação, María Zambrano, citada por Larossa (Ib., p. 79).

Essa passagem, que destrói todo adestramento, a nosso ver, consiste na tarefa da Clarice escritora. Uma tarefa árdua, visto que recusa aquilo que nega a existência dessa singularidade selvagem (FOUCAULT, 1999) que é a própria infância.

O impossível, para Zambrano e pensado por Larossa (Ib., p.81)

é o outro de nosso saber e de nosso poder, o que não se pode determinar como o resultado de um cálculo e o que não se pode definir como o ponto

de ancoragem de uma ação técnica. O impossível, portanto, é o que exige uma relação constituída segundo uma medida distinta da medida do saber e do poder.

Clarice, no conto que aqui analisaremos, intitulado “Tentação” (1981), fala de infâncias impossíveis que inauguram gagueiras e novos começos. Trata-se da história de uma menina solitária, sentada nos degraus de sua casa, com uma velha bolsa de senhora no colo, como se tentada a fugir dali, de seu desconsolo; ou aguardasse alguém que não aparecia, mas, ali permanecesse, soluçando, suportando o sofrimento e com um ar de quem acabaria se conformando à situação, diante de suas impossibilidades.

Era uma menina ruiva, exposta ao sol flamejante, propício ao delírio, numa rua deserta. A menina - pensamos- delirava sobre onde andariam os seus “iguais”. Ela, uma menina ruiva, desolada: “Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária” (Ib., p.45).

Além dela, uma pessoa esperava “inutilmente no ponto do bonde (Ib., p.45). Olham-se “sem palavras, desalento contra desalento”, descreve a provável narradora e testemunha do acontecimento, do novo, do que nasce, naquele momento, como uma miragem do deserto (Ib., p.46):

Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, um irmão em Grajaú. A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da esquina, acompanhando uma senhora, e encarnada na figura de um cão. Era um *basset* lindo e miserável, doce sob sua fatalidade. Era um *basset* ruivo.

[...]

A menina abriu os olhos pasmados. Suavemente avisado, o cachorro estacou diante dela. Sua língua vibrava. Ambos se olhavam.

O acontecimento dessa aparição concreta e singular é o nascimento do impossível no conto clariciano. Algo outro, novo, demove de sua escrita um reconhecimento mimético, previsível, e arranca o discurso do adulto de sua eficácia simbólica para receber esse outro que soluça, argueja, num ritmo entrecortado e intenso. Um outro de uma infância impensada.

Uma infância que brota não do seio de problemas sociais, mas que encarna o inédito e faz flamejar a existência já embrutecida, abrindo nesta um abismo insondável. Uma infância impossível, condutora de outra língua, e que abre possibilidades de comunicação não previstas pelas leis do social e da linguagem, entre seres selvagens, num encontro irrepetível:

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

Ocupar-se dessa solicitude, dessa urgência e desses dois seres perplexos passa a ser o que importa à escritora na tarefa que está à sua frente – empregar a sua letra para narrar uma situação que envolve aqueles que não escrevem. A escritora utiliza-se do poder da escritura reservada às classes dominantes, mas para entregá-la à percepção de uma sensibilidade alheia, estrangeira, sem ordem, sem progressão, não revestindo, assim, o seu trabalho de escrever de um papel de mediador.

É uma escritura em colaboração, sem dívida simbólica, com esse outro, num processo de escuta dele que não se confunde com o seu próprio saber de escritora. Esse encontro, ao acaso, com a menina na rua deserta escapa da lógica do sentido de identidades previstas e fixas e, sem os refúgios dos espaços íntimos, no deparar-se com o inesperado, com o chegante tão forasteiro quanto irmão.

O animal a olha e o encanto da novidade instaura o insólito. Um interesse recíproco, um perscrutar-se extraordinário, envergonhado. Entre a menina e o animal ocorre uma fraternidade secreta, indizível, ilegível e que abala os sistemas de interpretação. O que nasce ali “termina sendo verdadeiro” (LAROSSA, op. cit., p.79), mobilizando a “escuta da verdade que aquele que nasce traz consigo” (Ib., p.85):

No meio de tanta vaga impossibilidade e de tanto sol, ali estava a solução para a criança vermelha. E no meio de tantas ruas a serem trotadas, de tantos cães maiores, de tantos esgotos secos – lá estava uma menina, como se fora carne de sua ruiva carne. Eles se fitavam profundos, entregues, ausentes de Grajaú. Mais um instante, e o suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que se pediam.

Mas ambos eram comprometidos (LISPECTOR, op. cit., p.46).

A ficção de Clarice é feita desses nascimentos. O seu ato de escrever produz a ruptura com as regularidades de apropriação e captura da infância. A cada nova criação da infância é preciso deixar a escrita entregar-se ao fluxo metamórfico e constituir uma língua nova, tendo a gagueira como seu mecanismo próprio de construção. Uma língua que hesita, tateia, num método de afecto, afecção. Nesse aspecto, podemos atribuir a Clarice as palavras de Deleuze sobre o escritor “tartamudo” em *Crítica y Clínica* (1996, p.179): “...el escritor el que se vuelve tartamudo de la lengua: hace tartamudear la lengua como tal”.

Olha a escritora na direção do desconhecido que a atrai e não é mais um mundo organizado, disciplinado, domesticado que a interessa e reduz ou apaga a novidade da infância. É o brilho da infância que se impõe a seu olhar, “o instante da absoluta descontinuidade” (LAROSSA, op. cit., p.73). É a voz ensurdecida da criança que ela escuta, por entre os ruídos do mundo. Aí se dá o encontro com o verdadeiro, o que a “violência de um olhar calculador, cego, diante de tudo aquilo do qual não se pode apropriar” impede de atingir.

A menina é a infância como pura presença irredutível ao mundo, aos códigos, à ordem do discurso institucional. Desafia as representações unívocas, não passa da possibilidade ao real, mas do impossível à verdade que se anuncia na sua quase experiência, feita de quase signos, na sua singularidade selvagem, esquivo ao quadro familiar, doméstico. E mesmo em seu desamparo, sua luminosidade resiste na rua deserta e modifica os contornos do real.

Deixa-se tocar pela visão do cão ruivo. É um olhar que guarda o segredo de um estar face a face com o inesperado: “Ela com sua infância impossível, o centro da inocência que só se abriria quando ela fosse uma mulher. Ele, com sua natureza aprisionada” (LISPECTOR, op. cit., p.70).

Sob a presença do sol, eles estavam ali, mudos, frente a frente, contudo irremediavelmente separados (Ib., p.47) por suas realidades. A menina ruiva vê o animal ir-se embora com sua dona, para sempre fera selvagem domesticada:

A dona esperava impacientemente sob o guarda-sol. O *basset* ruivo afinal despregou-se da menina e saiu sonâmbulo. Ela ficou espantada, com o acontecimento nas mãos, numa mudez que nem pai nem

mãe compreenderiam. Acompanhou-o com olhos pretos que mal acreditavam, debruçada sobre a bolsa e os joelhos, até vê-lo dobrar a outra esquina.

Mas ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou para trás.

Um conhecimento novo, não nomeado, surgiu para além da fala e da palavra escrita, na forma de um modo de aprender a ser mulher, vinculado a esse esforço de linguagem, investida da mudez. O que se passa na língua do cão e da menina “constitui uma vibração”, uma sonoridade onomatopaica, um tartamudeio que é escutado pela escritora cuja língua, diria Deleuze, “estremece de arriba abaixo” (DELEUZE, op. cit., 1996, p.174).

A escritora, a menina e o cão interconectam-se através do delírio do verbo, tomando aqui uma imagem de Manoel de Barros (2008, p. 15). O poeta enuncia: “Em poesia que é voz de poeta, que é voz de fazer nascimentos – O verbo tem que pegar delírio”. Assim se dá com o escritor e a escritora, ambos escutadores de cores, de infâncias e tartamudeios. Escutadores de palavras que “ainda não tenham idioma” (Ib., p.11).

Clarice, a adulta, a escritora, integrada no sistema literário, desaparece para dar à luz uma menina ruiva, sem anterioridade, sem pressupostos presentes, nem termo último ou futuro. Puro acontecimento da escrita.

*

Doutora em Letras, na área de concentração em Literatura Comparada, pela UFMG. Pós-doutorada em Letras, na área de concentração Teoria Literária, pela PUC MINAS. Professora do Departamento de Letras, pertencente ao quadro de Associado I da UFRN. Ensaísta, com publicações em livro, revistas acadêmicas, jornais e em anais de eventos.

REFERÊNCIAS

ABECEDÁRIO DE GILLES DELEUZE. Entrevista a Claire Parnet. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse. Tradução e legendas Raccord. Paris, 1995.

BARROS, Manuel. **O livro das ignoranças**. 14ª. Edição. Rio de Janeiro: Record, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Crítica y clínica**. Traducido por Thomas Kauf. Barcelona: Editorial Anagrama, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

LAROSSA, Jorge. “o enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro”. In: **IMAGENS DO OUTRO**. Tradução de Celso Márcio Teixeira. Organização de Jorge Larossa e Nuria Pérez de Lara. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LISPECTOR, Clarice. “Tentação”. In: **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.



Proposta de oficina de contação de histórias

Jucely Regis dos Anjos Silva

“A Memória é a Imaginação do Povo, mantida comunicável pela Tradição, movimentando as Culturas, convergidas para o Uso, através do Tempo”
(Luis da Câmara Cascudo, 1971)

Apresentação

Esta proposta de oficina de contação de histórias pode ser realizada numa turma de Ensino Fundamental, entre 5º e 8º anos, nas primeiras aulas ministradas de uma disciplina de Língua Portuguesa. Devido a seu funcionamento, pode ter como objetivos: o reconhecimento do perfil dos alunos da turma pelo professor, a interação entre alunos e professor, a identificação de aspectos essenciais da narrativa, o trabalho com a memória em sua influência cultural, o desenvolvimento de atividade oral em classe e introdução à Literatura Oral.

Oficina – Texto base

Deus é bom

Há muito tempo, num Reino distante, havia um Rei que não acreditava na bondade de Deus. Tinha, porém, um súdito que sempre o lembrava dessa verdade, em todas as situações dizia: "Meu Rei, não desanime, porque Deus é bom!"

Um dia, o Rei saiu para caçar juntamente com seu súdito, e uma fera da floresta atacou o Rei. O súdito conseguiu matar o animal, porém não conseguiu evitar que sua Majestade perdesse o dedo mínimo da mão direita.

O Rei, furioso pelo que havia acontecido, e sem mostrar agradecimento por ter sua vida salva pelos esforços de seu servo, perguntou a este: "E agora, o que você me diz? Deus é bom? Se Deus fosse bom eu não teria sido atacado, não teria perdido o meu dedo!"

O servo respondeu: "Meu Rei, apesar de todas essas coisas, somente posso dizer-lhe que Deus é bom e que mesmo isso, perder um dedo, é para seu bem!"

O Rei, indignado com a resposta do súdito, mandou que fosse preso, e na cela mais escura e mais fétida do calabouço.

Após algum tempo, o Rei saiu novamente para caçar e aconteceu dele ser atacado, desta vez por uma tribo de índios que vivia na selva.

Esses índios eram temidos por todos, pois sabia-se que faziam sacrifícios humanos para seus deuses. Mal prenderam o Rei, passaram a preparar, cheios de júbilo, o ritual do sacrifício.

Quando já estava tudo pronto, e o Rei já estava diante do altar, o sacerdote indígena, ao examinar a vítima, observou furioso: "Este homem não pode ser sacrificado, pois é defeituoso! Falta-lhe um dedo!"

E o Rei foi libertado.

Ao voltar para o palácio, muito alegre e aliviado, libertou seu súdito e pediu que viesse em sua presença. Ao ver o servo, abraçou-o afetuosamente, dizendo-lhe: "Meu Caro, Deus foi realmente bom comigo! Você já deve estar sabendo que escapei da morte justamente porque não tinha um dos dedos. Mas, ainda tenho em meu coração uma grande dúvida: Se Deus é tão bom, por que permitiu que você ficasse preso da maneira como ficou... logo você que tanto o defendeu?"

O servo sorriu e disse: "Meu Rei, que bom foi Deus comigo ao me esconder! Se eu estivesse livre e junto contigo nessa caçada, certamente teria sido sacrificado em teu lugar, pois não me falta dedo algum!"

Texto de sabedoria popular de possível origem cristã

Oficina - interagindo

Ações/partes da história:

Nessa primeira atividade, os alunos devem dividir a história em partes fundamentais, que devem ser no mínimo três e no máximo oito. Apresento um exemplo, baseado na história contada:

- 1: O rei e o súdito vão caçar na selva;
- 2: uma fera da floresta ataca o rei e lhe arranca um dedo;
- 3: o súdito insiste em afirmar que Deus é bom e que mesmo o fato de o rei ter perdido um dedo foi para o bem dele mesmo (do rei);
- 4: o rei manda prender o súdito no calabouço;

5: o rei é capturado por uma tribo canibal;

6: os canibais libertam o rei pois o considerarem defeituoso por lhe faltar um dedo;

7: o rei liberta o súdito e interroga-o sobre as ações de Deus.

Elementos essenciais

Aqui são elencados, por cada um, palavras-chave, personagens e lugares de influência, capazes de auxiliar na contação:

Ex: O rei, o súdito, a selva, a fera, o dedo, a bondade de Deus, o calabouço, a tribo canibal.

Personagens

Cada personagem possui por sua função características marcantes, o que leva à construção de arquétipos. Estes representam, em geral, o que se espera de determinado personagem e são tradicionais nas narrativas para crianças.

Nesta etapa pede-se que os alunos elenquem características recorrentes num rei, por exemplo – se ele for um dos personagens. Ouvindo as sugestões, o professor pode anotá-las num quadro. Em seguida, busca-se elencar as características dos personagens da história lida no início da oficina. Assim, chegarão a confrontações e à elaboração de um esquema.

Esquema ilustrativo:

Rei

Arquétipo: justo, sábio, poderoso, líder, determinado, honesto, reinado justificado por algo divino, autoridade, parecer de superioridade.

Atributos do personagem da história: descrença, obstinação, ingratidão, curiosidade.

Súdito

Arquétipo: humildade, sujeição, dedicação, paciência.

Atributos do personagem da história: dedicação, sujeição – à ordem do rei, mas não à falta de crença deste –, coragem, paciência, insistência na crença religiosa.

Tribo canibal

Arquétipo: falta de escrúpulos, afobação, crueldade

Atributos do personagem da história: escolha rigorosa do “cardápio”.

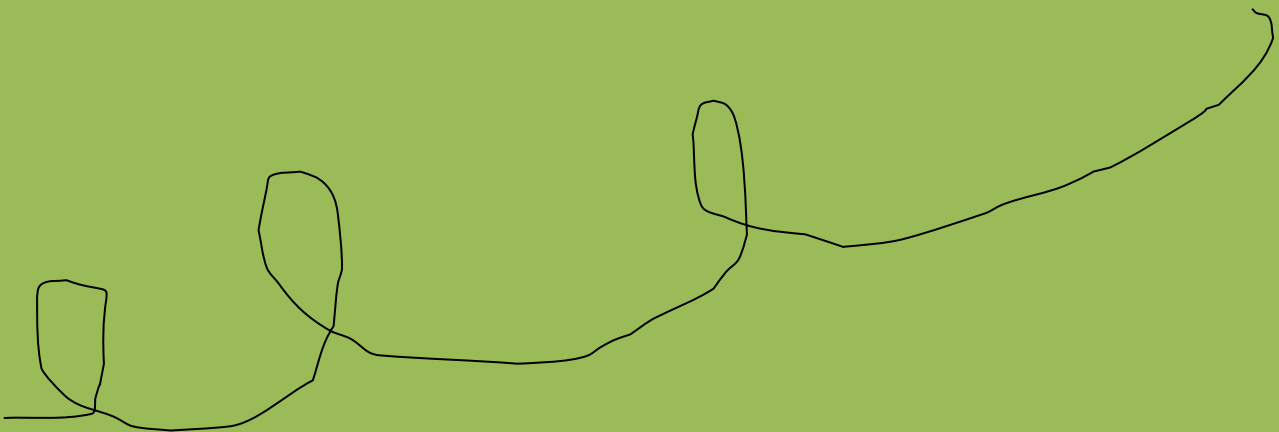
Os personagens em mim

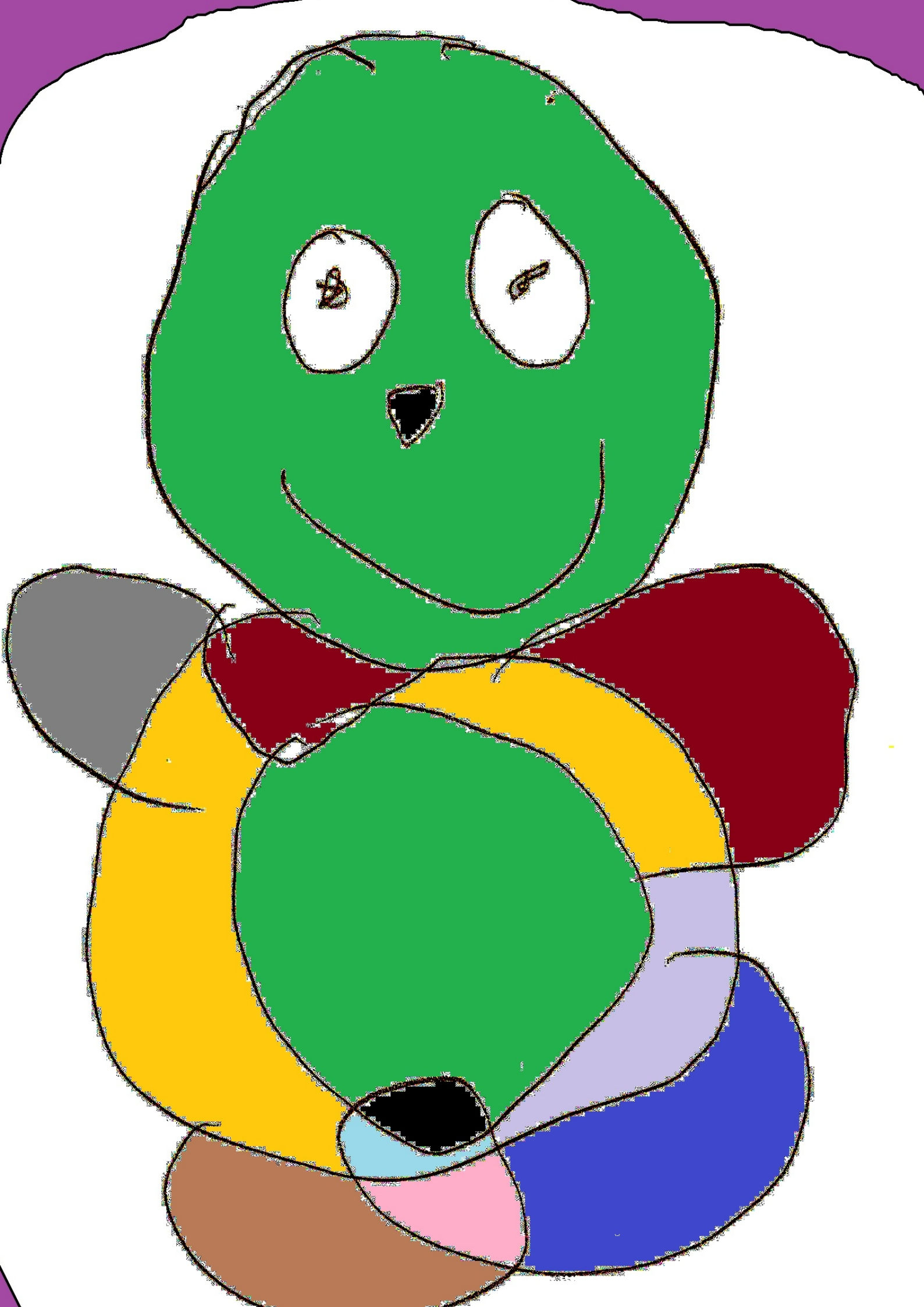
Essa parte tem uma importância especial quando se trata da identificação da criança com os personagens. Pode-se perceber que a criança não criará barreiras em se identificar com personagens de má índole, assim como acontecerá com os personagens de boas ações. Isso pode ser explicado pelo fato de que a criança ainda está no processo de formação do super ego (o “eu ideal” para a sociedade). Por outro lado, o adulto tenderá a identificar-se com os heróis da narrativa.

Relato significativo

Nesse momento é importante fazer com que os ouvintes da história busquem o que há de especial na história para eles. É quando relações são estabelecidas entre os fatos da narração e as vivências de cada um, e também quando aparecem as interpretações, que podem vir ou não seguidas de uma moral. Para o contador de história essas relações são essenciais, pois, segundo a Tradição Oral, vivência e memória são aspectos essenciais para uma história permanecer por séculos. Somente por meio delas, é possível recordar e recontar as narrativas.

*Texto produzido para a disciplina Teoria da Literatura II (Letras – UFRN),
oferecida pela Professora Doutora Ana Lúcia Barbosa Moraes, com adaptações.*





Crítica Literária

Lá estava eu no sofá da sala, quando deparei curiosa cena:
meu irmão de dois anos - Ainda pequeno - mexia em
minhas coisas...

Achou então um livro e o pegou a ler em sua língua:
"teixi, um, doixi, txinco..."

Parou de ler de repente...

Fechou o livro e fitou-o, sério...

Parou, sorriu e, puxando a manga da minha camisa:

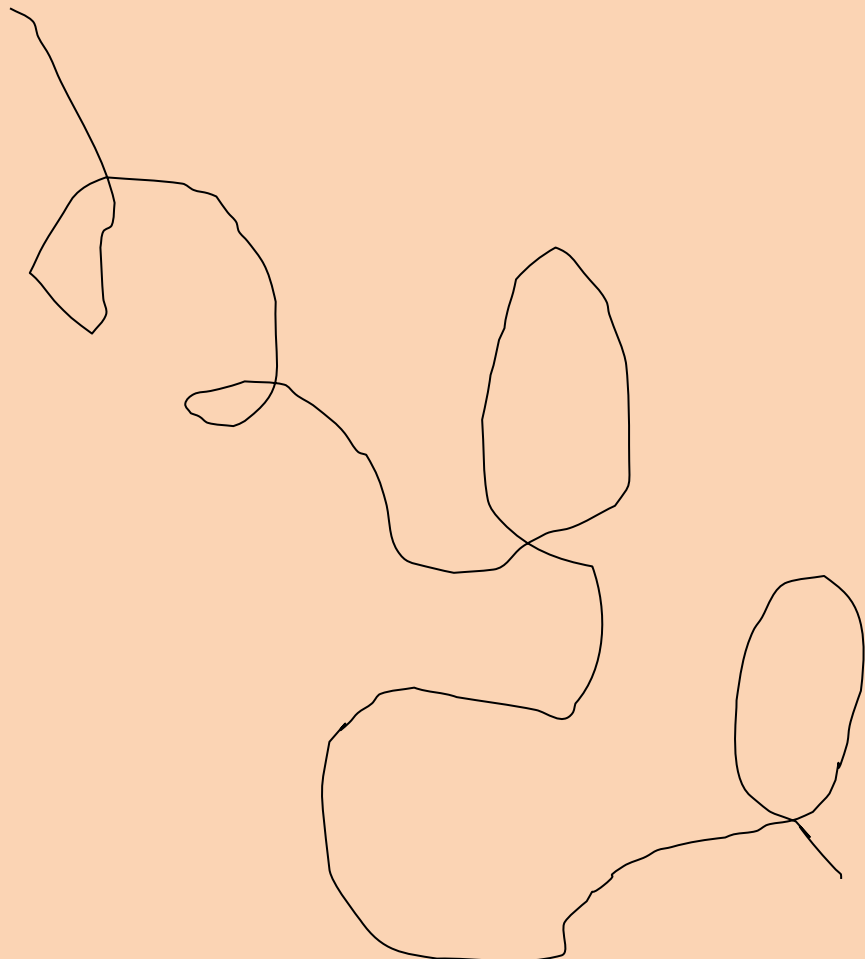
"Óia!!! Palhaço!!!"

Só então foi que prestei atenção...

[lá estava Fernando

Pessoa...

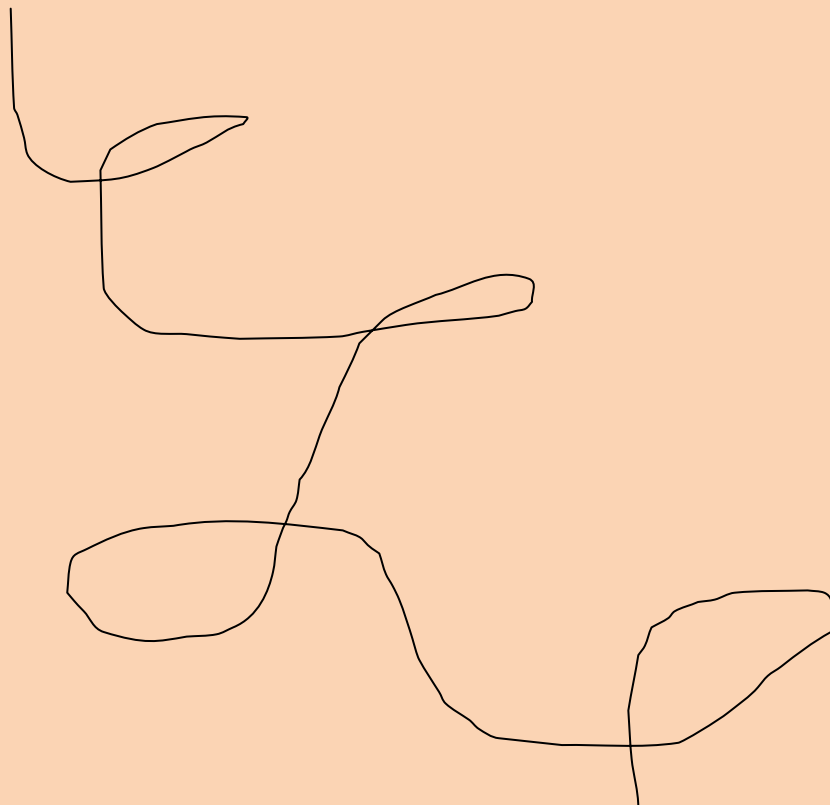
Kleyton Moraes





As pessoas que tinham pressa

Lima Neto



Era uma praça muito movimentada no centro da cidade, por onde passavam milhares de pessoas todos os dias, em todas as horas, correndo de um lado para o outro, no ritmo frenético do dia-a-dia.

O sol estava em seu ponto mais alto no céu, fazia um calor infernal, não soprava brisa nenhuma. As folhas das árvores nem se moviam, os pássaros não cantavam e as pessoas não olhavam umas para as outras. Mantinham os olhos, sempre em frente, para o local para onde se dirigiam. Às vezes esbarravam umas nas outras, mas a pressa era tão grande que

sequer dirigiam uma palavra de desculpa, pois se o fizessem iriam perder tempo, o que não poderia acontecer.

Vinha caminhando um homem muito bem vestido, mas caminhava de forma diferente das demais pessoas, pois seus passos eram mais lentos, tanto que a cada instante uma pessoa esbarrava nele. Mas ele não se importava, e mesmo sabendo que não tinha culpa dos encontrões, pedia desculpas, sendo que a outra pessoa nada respondia. Seus pés o levavam a um lugar que ele não sabia qual era, quando tropeçou e caiu. No chão, ele se sentou, recuperando-se da queda, e olhou para as pessoas que passavam por ele, todas apressadas. Viu um conhecido seu, companheiro de trabalho, que atrasado para o trabalho, passou tão apressado que sequer olhou para ele. Viu uma mulher, muito bonita, que passou por ele, deixando um rastro de seu perfume, que sequer o olhou, tão entretida que estava se olhando, enquanto caminhava, num espelho. Escutou um barulho de um grupo animado, e percebeu que se tratava de estudantes, que corriam para a escola. Viu passando homens importantes, de negócios, falando ao celular, discutindo com alguém que ele nunca saberia quem é. Viu mães passando segurando fortemente os filhos pelas mãos, arrastando-os, porque estavam atrasados para algum compromisso e sequer davam ouvidos às queixas das crianças, que não queriam ir a lugar algum.

O homem ficou ali, sentado, durante horas, apenas olhando para essas pessoas, mas sem ser percebido por nenhuma delas, com o cotovelo apoiado sobre o joelho e a mão estendida, como se pedisse uma ajuda para se levantar. Mas não havia ninguém dentre aqueles que passavam que o percebesse, quanto mais alguém que parasse, segurasse em sua mão e o ajudasse a se reerguer.

Ele passou a mão no rosto, sentindo o suor em sua face. Girava a cabeça de um lado para o outro, para cima e para baixo, mas ninguém o percebia, até que uma mulher apareceu segurando firmemente uma

menininha pela mão. A menininha segurava na mão que se mantinha livre um pirulito e, apesar da pressa da mãe, observava todos os rostos, todas as pessoas, todas as coisas ao seu redor. Os olhos dela se fixaram no homem, que, cabisbaixo como estava, não a tinha percebido.

- Mãe, por que que aquele homem está ali, sentado no chão, tão triste? – perguntou a menina.

- Não sei, filha – respondeu a mulher. E continuou a puxar a filha pela mão, pois estava apressada, e sequer olhou para a pessoa que sua filha lhe mostrava.

A menina tornou a fazer a mesma pergunta para a mãe, pois era muito curiosa e não se daria por satisfeita enquanto não obtivesse uma resposta às suas pertinentes indagações. A mulher então, pouco paciente, inventou uma resposta, o que fez com que a menina a olhasse de forma cética, como se não entendesse aquilo que acabara de ouvir. Então ela parou, e sua mão se livrou da de sua mãe. A mulher deu ainda alguns passos, sem perceber que sua filha tinha ficado para trás, enquanto a menina ficou ali, parada, apenas observando o homem a poucos metros de onde estava.

Com seus passos curtos, ela se aproximou dele, e só quando estavam um de frente para o outro, foi que ele a notou, uma pessoa tão diminuta, tão bela, com um sorriso tão bonito estampado na face.

- Por que você ‘tá triste? – perguntou ela.

Ele deu um sorriso como resposta, e disse não estar mais triste.

- Por que você está aí, sentado no chão?

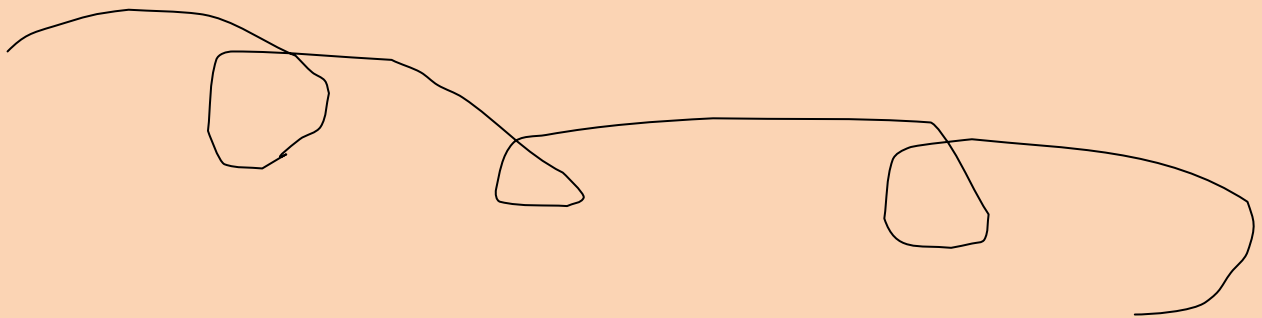
O homem apenas deu de ombros, pois nem ele mesmo sabia o porquê de estar ali, naquela posição, sentado no chão, no meio da praça.

- Segure a minha mão. Eu ajudo você a se levantar – disse ela, segurando com sua mãozinha as pontas dos dedos dele.

O homem então sorriu e se levantou, aceitando a ajuda da menininha. Segurou-a nos braços e a beijou no rosto, passou a mão na cabeça dela, ajeitando seus cabelos e a agradeceu. Colocou-a novamente no chão e disse que sua mãe a aguardava.

Ficou parado, em meio a toda aquela gente que andava apressada, observando a menina, que andava sem pressa, em direção a sua mãe, que a aguardava impaciente. A mulher segurou a filha nos braços e foi embora, mas antes a menina acenou, se despedindo dele, que a observava, com um sorriso no rosto, parado em meio àquela multidão.

Natal, 22 de setembro de 2008.





Hora da historinha

Rosângela Trajano

Contar historias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz.

Fanny Abramovich

Ouvir histórias e cantar são coisas de que as crianças gostam muito.

Betty Coelho

Em menina minha melhor amiga foi a voz de Mãe Xiquinha. Quando de nascer em família com rezadeiras, contadoras de histórias e pescadores eu não poderia amar outra coisa senão a voz das pessoas ao meu redor, era tudo que eu tinha além do meu cajueiro. E por falar no meu cajueiro foi ele meu primeiro ouvinte de historinhas.

Mamãe tinha a mania de dizer que quando a gente tivesse um sonho ruim contasse para uma árvore com o tronco grosso e cheia de frutos, porque ela tinha o poder de destruir o sonho ruim. Na minha meninice achava que do mesmo jeito que o meu cajueiro podia destruir meu sonho ruim também podia tornar reais minhas histórias e aí eu inventava um bocado de coisas para ele ouvir. Foi assim que a contação de histórias entrou na minha vida. Depois do meu cajueiro comecei a contar histórias para minhas bonecas de pano e às vezes para mim mesma.

A contação de histórias se remete aos mais remotos tempos. Os povos antigos utilizavam a oralidade para transmitir sua história. Só depois da criação da imprensa surgiram os primeiros livros impressos e no século XIX a literatura infantil.

Contar é para encantar. É preciso mantermos os costumes, as tradições, a sabedoria popular, enfim o folclore dos mais diferentes povos através da contação de histórias. Contar histórias é manter vivo um passado longínquo. É lembrar da criança que antigamente não tinha energia elétrica, mas a lamparina de querosene. É lembrar da criança que hoje tem internet e robôs para brincar. É amar imensamente a vida, as crianças e a voz.

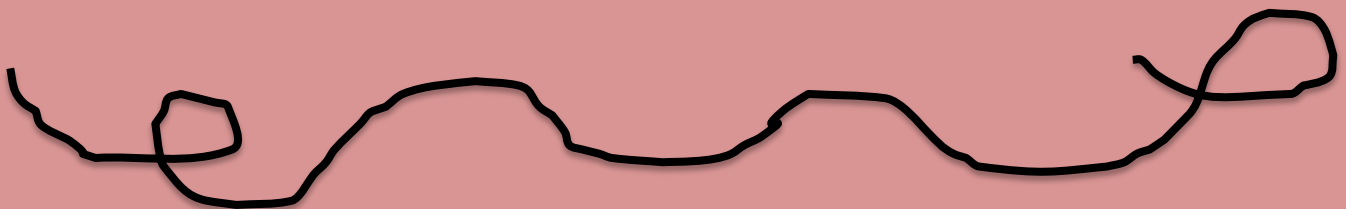
Resgatar a tradição de se contar histórias às crianças nos dias atuais é uma proposta desafiadora, ousada, encantadora e terapêutica. O contador de histórias deixou de ser o pai, a mãe e os avós... poucas crianças ouvem histórias na hora de dormir; outras as ouvem apenas nas escolas e mais uma maioria quase não ouve mais histórias, ao invés disso se conforma com as suas leituras. Onde andam os contadores de histórias? Contando histórias através da escrita. Tornaram-se escritores. Contadores de histórias estão desaparecendo? É bem possível.

Um contador de histórias deve ter amor pelo que faz. Deve saber respeitar a linguagem da criança. Conversar com ela através das metáforas e onomatopéias. O contador é ora um ser animado ora inanimado. Sem sexo e sem opinião própria. O verdadeiro contador de histórias não deve transmitir seus valores, pensamentos ou ideias, mas despertar nas crianças o pensamento crítico e investigativo para um viver melhor compreendendo o mundo e a si mesmo.

Quando contamos histórias para crianças é preciso deixar o coração aberto para que a tradição saia mundo afora e tome novos caminhos, pedindo permissão para não ser esquecido com o decorrer do tempo. Contar histórias é vestir palavras com amor e zelo. A gente esquece que conta história diariamente. Lembrei-me agora do meu cafezinho do final de tarde na casa de dona Neves e seu Milton, ao redor da mesa, na cozinha, sentados, nós três, contamos histórias uns para os outros. Ainda tenho esse privilégio. Seu Milton gosta muito de contar uma história que o bisavô dele contava em que o dia o mundo ia caber na palma da mão, eis o celular.

As histórias se dividem em vários tipos de narrativas: lendas, mitos, contos de fadas, fábulas, histórias realistas e etc. Todas essas narrativas encantam aos pequeninos se bem trabalhadas na hora da contação. Uma história antes de ser contada deve ser conhecida no seu todo pelo contador. Vale salientar que o número de autores infantis no mundo inteiro tem crescido assustadoramente. A nossa preocupação maior é na seleção das histórias, pois há muitas que nada dizem, outras que não auxiliam o desenvolvimento das virtudes nas crianças e ainda há aquelas que transmitem mensagens negativas com expressões e chavões inadequados. Seja qual for o tipo de narrativa escolhido, quem vai despertar a fantasia no imaginário das crianças é o contador de histórias.

A criança que ouve historinhas conhece novos mundos, entra em contato com personagens parecidas consigo, tem um vocabulário maior e sabe como agir diante de tais situações, baseada nos personagens fictícios. Consegue enxergar as dificuldades da vida de uma forma menos dura, esquece os problemas do cotidiano, se cura de alguns males, amplia seu mundo imaginário e aprende a se conhecer cada vez mais.



A criança está sobrecarregada de tarefas: tem que fazer suas lições de casa, avaliações, praticar esportes, cuidar do irmão mais novo, ser o melhor em quase tudo...é tanta exigência que às vezes ela age como gente grande. De repente, ela vai passando na rua e percebe um aglomerado de crianças sentadas numa praça pública. Curiosa, ela se aproxima do grupo e percebe que alguém está contando uma história parecida com o seu problema: um menino cheio de tarefas e que só deseja brincar. Ela ouve, admirada, aquele contador de histórias que dá vida, voz e gestos ao personagem encantando a todos. Vai para casa mais aliviada, porque aprendeu como lidar com as suas dificuldades. No outro dia retorna à praça, mas o contador mudou de lugar...que pena!

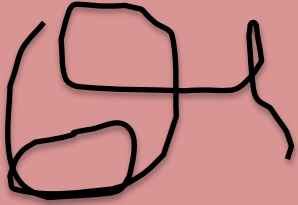
Nos, adultos, quase não compreendemos os desejos e ansiedades das crianças. Conversamos com elas como se estivéssemos conversando com adultos. As crianças querem e necessitam falar com alguém que compreendam sua linguagem. Sunderland nos diz o seguinte sobre a linguagem compreendida pela criança:

O uso da história reconhece que é limitado falar sobre sentimentos com crianças na linguagem cotidiana. A história fala às crianças num nível muito mais profundo e imediato do que a linguagem literal cotidiana. Falar sobre sentimentos na linguagem cotidiana é como andar em círculos. Isso acontece porque a imaginação cotidiana é a *linguagem do pensamento*, enquanto falar por meio de uma história, fazer uma encenação com bonecos ou fantoches, representar o que você quer dizer com barro, com uma pintura ou com uma cena na caixa de areia é usar a *linguagem da imaginação*. Essa é a linguagem natural da criança.¹

A história auxilia a criança a viver melhor na sua difícil infância. Ouvir histórias, para a criança, é se comparar com as personagens, pensar que

¹ SUNDERLAND, Margot. *O valor terapêutico de contar histórias: para as crianças: pelas crianças*. São Paulo: Cultrix, 2005, pp. 18-19.

pode vencer dragões e monstros, conquistar sonhos e, principalmente, saber que há alguém parecido com ela. E nesse caso Sunderland nos lembra a importância da história como valor terapêutico:



Uma história é uma intervenção terapêutica eficaz quando a criança começa a usar, na vida, algumas das maneiras criativas de ser ou de lutar apresentadas na história. Mas pode ser que não o faça imediatamente. Talvez, para ela, aquele não seja o momento certo para isso. Mas a história planta uma semente que cresce e se transforma numa idéia ou num modo de ser que ela vai usar mais tarde na vida.²

A contação de histórias não deve ter nenhum objetivo específico explícito. O contador deve contar uma história porque gosta e se identificou com ela e crê que seu público vai corresponder ao encanto, magia e fantasia que a mesma produzirá nele. Sem a preocupação com esse objetivo específico o contador vai criando caminhos terapêuticos, imaginários, encantadores e fabulosos. Basta saber contar e para isso faz-se necessário amar a história escolhida para contar. O objetivo da contação de histórias é despertar o mundo do faz-de-conta, o do contador é levar a criança para esse mundo. Coelho responde a este argumento da seguinte forma: “A história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente maior será a influência do contador de histórias.”³

Um dos momentos mais gratificantes da contação de histórias é o diálogo entre o contador e as crianças. Nesse momento muitas coisas podem ser explicadas, o contador pode aproveitar as perguntas das crianças oferecendo-lhes mais questionamentos, as crianças demonstram o que acharam da história. É um momento em que as metáforas podem ser recriadas de forma mais encantadora ou retirando alguma idéia errônea

² SUNDERLAND, Margot. *O valor terapêutico de contar histórias: para as crianças: pelas crianças*. São Paulo: Cultrix, 2005, p. 46.

³ SILVA, Maria Betty Coelho. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1997, p. 12.

entendida pelas crianças. Assim recomenda Coelho: “A conversa em torno da história é o momento ideal para atribuir às palavras um significado concreto, real, dirimir preconceitos, idéias falsas, mas claro que essa intenção eu não revelo as crianças.”⁴

Contar histórias encanta as crianças. Por quê? Porque muitas delas se identificam com a história; porque elas esquecem seus medos e traumas; porque acalentam a dor e até curam doenças; porque o conto e o próprio encanto traduzido em metáforas e onomatopeias que tanto distraem, instruem e educam as crianças dando-lhes mais brilho ao mundo do faz-de-conta. Busatto explica o motivo desse encantamento citando alguns pesquisadores nessa área, como afirma ela:

Bruno Bettelheim, reconhecido psicólogo infantil e autor do livro *A psicanálise dos contos de fadas*, obra que resgata a credibilidade dos contos de fadas, afirma que o conto encanta, antes pelas suas ‘qualidades literárias – o próprio conto como uma obra de arte. O conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte’. Ele prossegue afirmando o poder regenerador dos contos de fadas que, por conterem na sua estrutura elementos simbólicos, criam uma ponte com o inconsciente, integrando os conteúdos arquetípicos e propiciando à criança conforto e consolo em termos emocionais.⁵

A crescente violência nas cidades urbanas assusta a criancinha que cria um mundo cheio de monstros para si, sem saber como lidar com eles se aprisiona no seu mundo de faz-de-conta cheia de medos e desencantos. Por isso Busatto acredita no poder do encanto da contação de histórias. Para ela o momento do conto é encantador. A criança cria um mundo particular, onde príncipes e princesas, heróis e deusas, bichos falantes vencem obstáculos que ela gostaria de vencer, mas não sabe como, ainda. A partir

⁴ Ibid., p. 37.

⁵ BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 15.

do momento do ouvir a historinha a criancinha vai traçando no seu imaginário um novo mundo.

O conto oral é mais do que divertimento para a criança. Ele tem poder terapêutico e faz a criança lembrar do berço quando ouvia a voz de ninar da mãe. Busatto vai até os tempos mais antigos para explicar a importância do contar histórias:

Já os povos orientais consideravam o conto oral mais do que um estilo literário a serviço do divertimento. Sabiam que neles estão contidos o conhecimento e as idéias de um povo, e que através deles era possível indicar condutas, resgatar valores e até curar doenças. Eles acreditavam no poder curativo do conto, e em muitas situações o remédio indicado era ouvir um conto e meditar sobre ele. Neste caso o conto funcionava como um reestruturador do desequilíbrio emocional que provocou o distúrbio físico. Aqui, o conto adquire um caráter terapêutico, encanta curando.⁶

Quando nos referimos e enfocamos a este valor terapêutico que tanto tem sido dado ao contar histórias às crianças é devido as grandes pesquisas mais recentemente acentuadas nesta área que tem dado certo. A terapeuta infantil Margot Sunderland tem contado histórias para varias crianças com conflitos emocionais ou não e tem obtido resultados excelentes como o citado abaixo:

Sarah e uma menina de seis anos que sente uma falta terrível do pai.

O pai de Sarah foi embora para viver com outra mulher. Ele não entrou mais em contato com Sarah e não respondeu a nenhuma de suas cartas. Ela vivia esperando uma resposta. A tia de Sarah leu para ela *The Frog Who Longed for the Moon to Smile* (Sunderland & Armstrong, 2000). A história é sobre um Sapo que esta apaixonado pela Lua porque um dia ela sorriu para ele. Agora ele fica o tempo todo olhando para a Lua na esperança de que ela lhe sorria de novo. Imagine como foi fácil para Sarah se

⁶ Ibid., p. 17.

identificar com o Sapo da história, que lhe pareceu carregada de sentido. Sarah conhecia muito bem os sentimentos do Sapo e, por isso, sua identificação com ele foi muito profunda. No livro, o Sapo recebe ajuda e se muda para outro lugar. A história se abre, oferecendo uma visão nova e esperançosa de uma situação que era muito dolorosa. Identificando-se com o Sapo, Sarah conseguiu sofrer pelo pai e, ao mesmo tempo, explorar formas diferentes de conviver com os sentimentos dolorosos. Ela sentiu que havia diferentes maneiras de reagir e, assim, saiu da posição sem saída em que estava no que dizia respeito à relação com o pai.⁷

Não é só Sarah que precisa ouvir histórias. Todas as crianças necessitam, porque cada uma delas tem as suas dúvidas, seus medos, suas angústias e ansiedades diante do mundo a seu redor. Quando contamos uma história para um determinado grupo é claro que nem todas as crianças se identificarão de imediato com ela, mas somente um dia quando estiverem passando por um problema semelhante lembrarão do personagem que tanto lutou para vencer as suas dificuldades. Poucas, logo perceberão a importância daquela história às suas vidas e podem começar a lutar para melhorar a sua forma de ver e agir no mundo. É o que nos diz Bettelheim sobre os contos de fadas, por exemplo:

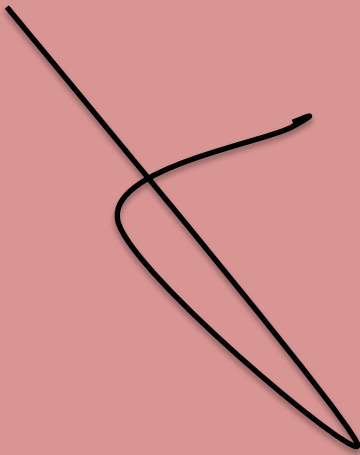
Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos.⁸

⁷ SUNDERLAND, Margot. *O valor terapêutico de contar histórias: para as crianças: pelas crianças*. São Paulo: Cultrix, 2005, p. 33.

⁸ BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, pp. 20-21.

Cada criancinha é um mundo, portanto deixemos que ela escolha a sua história. Além disso, muitos mundos se formarão em sua mente no decorrer da sua infância.

Vivemos num mundo solitário e a criança sabe disso. Não precisamos esconder das criancinhas coisas que muitas vezes nós não sabemos compreender o porquê. A solidão é algo cada vez mais freqüente no mundo moderno. Muitas vezes a criança se sente sozinha, talvez mais só do que acompanhada. É nesse momento que Bettelheim nos aconselha o seguinte:



O herói do conto de fadas mantém-se por algum tempo em isolamento, assim como a criança moderna com freqüência se sente isolada. O herói é ajudado por estar em contato com coisas primitivas – uma árvore, um animal, a natureza – da mesma forma como a criança se sente mais em contato com essas coisas do que a maioria dos adultos. O destino destes heróis convence a criança que, como eles, ela pode-se sentir rejeitada e abandonada no mundo, tateando no escuro, mas, como eles, no decorrer de sua vida ela será guiada passo a passo e receberá ajuda quando necessário. Hoje, ainda mais do que no passado, a criança necessita o reassentimento oferecido pela imagem do homem isolado que, contudo, é capaz de conseguir relações significativas e compensadoras com o mundo a seu redor.⁹

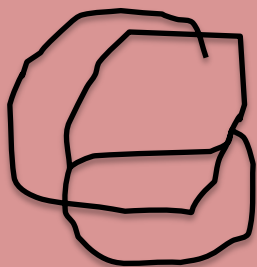
Antunes & Cavalcanti *apud* Gladis & Iara falam desse momento belo e encantador que é o do conto como fato de desenvolvimento das aptidões para:

...ler, escrever, escutar e expressar-se. Estimula na criança sua criatividade, imaginação e formas de expressão corporal, proporcionando um ambiente de aprendizagem rico em estímulos sensoriais e intelectuais que lhe dá segurança emocional e psicológica e que lhe permita relacionar e criar coletivamente com seus amigos. Além disto, cria e alimenta o hábito da leitura, aproximando o livro da vida; por isso é importante que esta atividade seja feita em coordenação com

⁹ Ibid., p. 20.

professores de alfabetização, literatura, linguagem e áreas afins.¹⁰

Alem do citado acima, Gladis & Iara enfocam mais ainda as oportunidades da hora do conto a criança, quais são:



- estabelecer uma ligação entre fantasia e realidade;
- sentir-se instigada para procurar soluções para problemas apontados ou vivenciados pelos personagens;
- ler por prazer;
- desenvolver a imaginação e a criatividade;
- desenvolver o gosto e/ou habilidades artísticas;
- ampliar suas experiências e o conhecimento do mundo que as cerca;
- desenvolver a capacidade de dar seqüência lógica aos fatos.¹¹

Essas duas autoras continuam afirmando a importância do momento do conto dando ênfase ao nosso pensamento e contribuindo na formação do nosso pensamento, como citam: “...a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e, principalmente aprende a procurar, nos livros, novas histórias para o seu entretenimento.”¹²

Se Platão pedia na sua *A República* para vigiarmos os contadores de historias havia um motivo muito importante para isso, segundo o filósofo:

Importar-nos, pois, segundo eu penso, velar sobre os que elaboram fábulas, separando as boas das más, para rejeitar estas e acolher aquelas. Ordenaremos às mães e às amas que narrem às crianças fábulas escolhidas e que empreguem mais zelo em lhes formar a alma que em formar o corpo. Neste afã cumpre

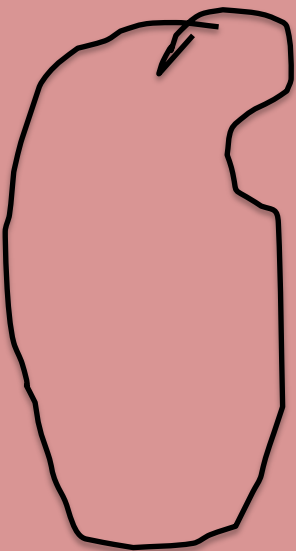
¹⁰ BARCELOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bitencourt Neves. *Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler; subsídios a sua realização em Bibliotecas Publicas e Escolares*. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1995, p. 18.

¹¹ BARCELOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bitencourt Neves. *Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler; subsídios a sua realização em Bibliotecas Publicas e Escolares*. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1995, p. 18.

¹² *Ibid*, p. 18.

condenar a maior parte das fábulas que hoje em dia lhes são contadas.¹³

Os contadores de histórias têm o poder da palavra nas mãos. Podem conduzir o pensamento da criança para valores os mais diversos possíveis, modificar as suas virtudes, seus defeitos, ajudá-la a combater seus medos como também pode colocar mais medo nela, isso dependendo de quem conta a história e como conta. É importante que o contador de histórias antes de ser um profissional seja um amante da literatura e da oralidade. Que goste de brincar com as onomatopéias e se divertir com as crianças sendo criança também quando lhe for solicitado. Casasanta destaca algumas habilidades necessárias ao bom contador de histórias, são elas:

- 
- ser sensível a beleza da história, capaz de assimilar todos os seus elementos e transmiti-los bem;
 - usar linguagem acessível ao público ouvinte, levando em conta sua faixa etária;
 - modular a voz, de acordo com os acontecimentos narrados: ora mais baixa, ora mais alta, mais depressa, mais devagar;
 - tratar todos os participantes com carinho, não dando preferência a nenhum;
 - cuidar da dicção, emitindo as palavras corretamente, nem tão rápido que a criança não aprenda, nem tão devagar que acabe cansando os ouvintes;
 - evitar vícios de linguagem, cacoetes e gestos repetidos constantemente (tais como: entenderam? Não é?, fungar, esfregar as mãos, etc);
 - citar um desfecho poético para deixar uma sensação de beleza que ficará com as crianças nas horas seguintes;
 - usar as palavras do texto, na maior parte do tempo, pois a criança amplia seu vocabulário a partir das histórias ouvidas;
 - provocar a emoção. Durante a história prepara-se a criança para a emoção que, atingindo o seu clímax, desfaz-se lentamente. O organismo volta então ao ponto de equilíbrio inicial. Nunca se deve parar no clímax, pois a emoção suscitada deve ir até o fim, seguir seu curso natural e descarregar-se normalmente.¹⁴

¹³ PLATÃO. *A República*. São Paulo: Hemus, 1970, p.56..

¹⁴ CASASANTA, Tereza. *Criança e literatura*. Belo Horizonte: Veja. Brasília, INL, 1974. pp. 58-60.

A criança que ouve historinhas é mais feliz. Ela sabe que há outros mundos além desse, mesmo que estes mundos um dia venham a se desabrochar como imaginários. É uma criança que aprende a lidar com as suas dúvidas diante da vida, seus medos, suas angústias. Aprende com os personagens a enfrentar obstáculos e caminhar sozinha quando necessitar.

A contação de histórias é uma arte da Antigüidade que chega aos dias atuais com muito mais força e necessidade. Os constantes conflitos existenciais das crianças, os problemas que lhes são postos a prova tão cedo, a violência dos grandes centros urbanos enfim toda essa gama de problemas que pensamos ser só dos adultos também preenchem o mundo delas, por isso ouvir histórias modifica a realidade dura e traz encanto e magia para a possibilidade de um mundo melhor.

Toda criança necessita ouvir histórias. O mundo do faz-de-conta deve ser alimentado com metáforas, poesias, onomatopéias, seres inanimados. A criancinha não deve ser considerada tão-somente um depósito de conhecimentos, mas um ser que procura respostas à vida e ao mundo a seu redor. Se perguntando quem é, quem são as pessoas a sua volta, o que faz aqui, para onde vão as pessoas que morrem, por que morrem, dentre outras questões mais intrigantes a criancinha encontra nas histórias infantis respostas que contribuem a formação do seu espírito. A criança que ouve histórias é mais feliz porque vive com amigos de corpo e alma e amigos de fantasia, um deles vai saber compreendê-la e nunca se sentirá sozinha no mundo.

Contar histórias é uma tradição que não deve jamais ser esquecida. Quem ama crianças e histórias sabe como fazer isso. Que venham todas as

crianças ouvirem histórias para plasmar a alma de virtudes e valores para uma vivência melhor e mais proveitosa.

Que se abram as páginas dos contos de fadas, dos mitos, das fabulas, das poesias... que as onomatopeias soltem seus sons encantadores e como um tic, tac, tic, tac, soe o relógio que a hora do conto chegou e, toc, toc, toc, toc bata à porta pedindo para entrar no faz-de-conta das nossas crianças.

Referências:

BARCELOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bitencourt Neves. *Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler; subsídios a sua realização em Bibliotecas Publicas e Escolares*. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1995.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

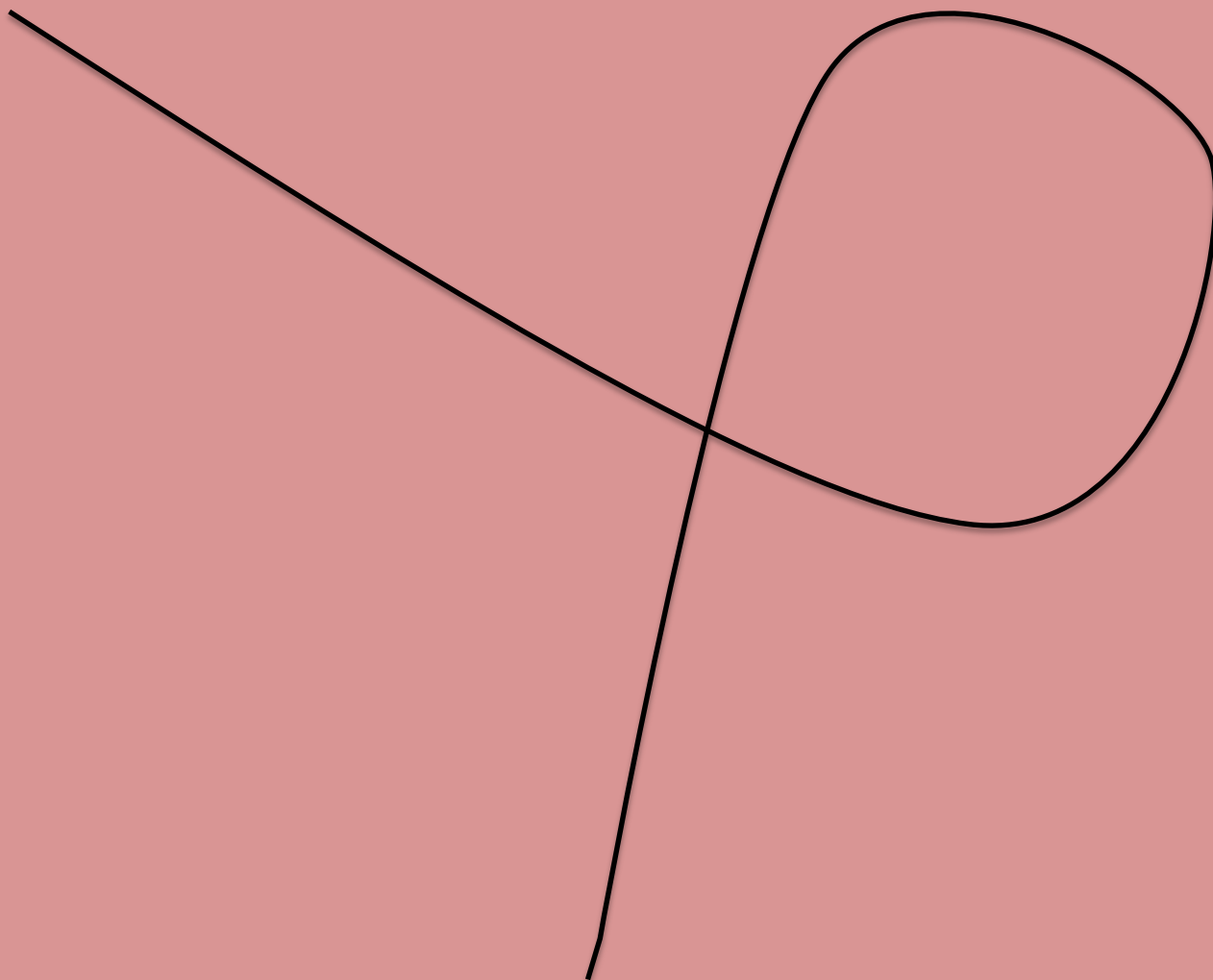
BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CASASANTA, Tereza. *Criança e literatura*. Belo Horizonte: Veja. Brasília, INL, 1974. pp. 58-60.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Hemus, 1970.

SILVA, Maria Betty Coelho. *Contar historias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1997.

SUNDERLAND, Margot. *O valor terapêutico de contar histórias: para as crianças: pelas crianças*. São Paulo: Cultrix, 2005.







**Antes de uma criança gostar de me escutar
eu preciso aprender a gostar de escutá-la.**

Rosângela Trajano



Da arte do desamar

Piá Montenegro

A literatura literária, psicológica e até mística, tem largo acervo sobre a arte de amar, teoremas e sugestões, conselhos e dicas sobre a incrivelmente prazerosa, arte do amar.

No entanto, há um silêncio sobre a arte do desamar. Talvez porque não existam fórmulas e cada história é única. Não acredito. Ainda quando Piá, menina feliz a explorar um mundo (pampas gaúchos), lembro-me da sensação de empinar pipas. E lembro-me da angústia que sentia quando uma pandorga se soltava de minhas mãos, na ânsia de querer fazer uma acrobacia mais ousada ou simplesmente distração. Corria atrás dela, não aceitava que tinha se ido, pulava muros, subia em telhados e quando alguma vez resgatava a pandorga, dilacerava meu coração ver que ela já não era mais a mesma; rasgões, hastes quebradas. Então, levava-a para casa e tentava deixá-la como antes, mas invariavelmente não conseguia.

Penso que foi nessa época que comecei a aprender a difícil arte do desamor.

Um dia, quando percebi que tinha perdido a pipa, olhei pro céu e vibrei com sua liberdade, acompanhei somente com olhar, sem correr atrás, a trajetória que fazia ao léu, livre de mim, senti que não era tão ruim assim, consolava-me saber que outra criança a resgatasse (inclusive vim aprender depois que era uma brincadeira interessante encontrar pipas por acaso de outros Piás, uma competição entre as crianças) e também consolava-me saber que eu iria ter outra pipa.

Também nessa época, eu já mais graúda, ganhei de um amiguinho (que dizia ser meu namorado), um rouxinol. Joãozinho trouxe-me a ave numa gaiola comum. Estava feliz porque o havia capturado para mim e essa foi sua forma de provar seu amor infantil. Agradei e fiquei na varanda de casa, eu e o rouxinol. Ele na gaiola, inquieto, eu na minha gaiola de tristeza (eu já nesse tempo havia provado o sabor que nenhuma criança deveria provar: o da solidão). Pensei feliz, agora tenho um amiguinho que não me abandonará. Então, o levei para meu quarto, coloquei a gaiola junto a janela, para que ele pudesse ver a beleza dos campos, os girassóis do quintal, a videira que nesse tempo estava cheia de seus frutos doces. Queria vê-lo feliz. No armazém comprei alpiste, e coloquei água.

Os dias se passavam, mas meu rouxinol cantava poucas vezes, geralmente pela manhã, ainda na aurora. Depois, silêncio e agitação.

Então, sem que nada me preparasse pra minha atitude, peguei a gaiola e fui pros fundos do quintal, junto a uma jabuticabeira frondosa. Sentei à sua sombra e colocando a gaiola no colo, abri vagarosamente a portinhola; lembro-me que tinha esperança que o rouxinol não saísse que quisesse ficar, ou que ao menos relutasse. Mas, quando viu a liberdade saiu tão rápido que só pude perceber o vento que suas asas agitadas na ânsia do voo, fizeram. E tal como as pandorgas, fiquei lá tentando ver para onde voava meu querido rouxinol. Quis lhe agradecer pelos dias que estivera comigo, quis lhe dizer do quanto tinha sido importante ter finalmente alguém para compartilhar (sim porque não disse que conversava a noite com ele, contava das minhas façanhas de menina, das minhas saudades, de minhas tristezas), mas não tive tempo... Nesse instante, foi que pensei que nunca o tinha tocado... o mais próximo que houvera conseguido fora aquele quase roçar de asas. E assim ele alçou um lindo voo em direção ao horizonte.

Senti as lágrimas rolarem, mas elas desembocaram em lábios que sorriam. Senti que pela primeira vez desde que o conheceria que ele estava feliz.

Fiquei algum tempo ali entre as fruteiras, sentindo uma presença que hoje sei, seria minha companheira pro resto da vida: A solidão.

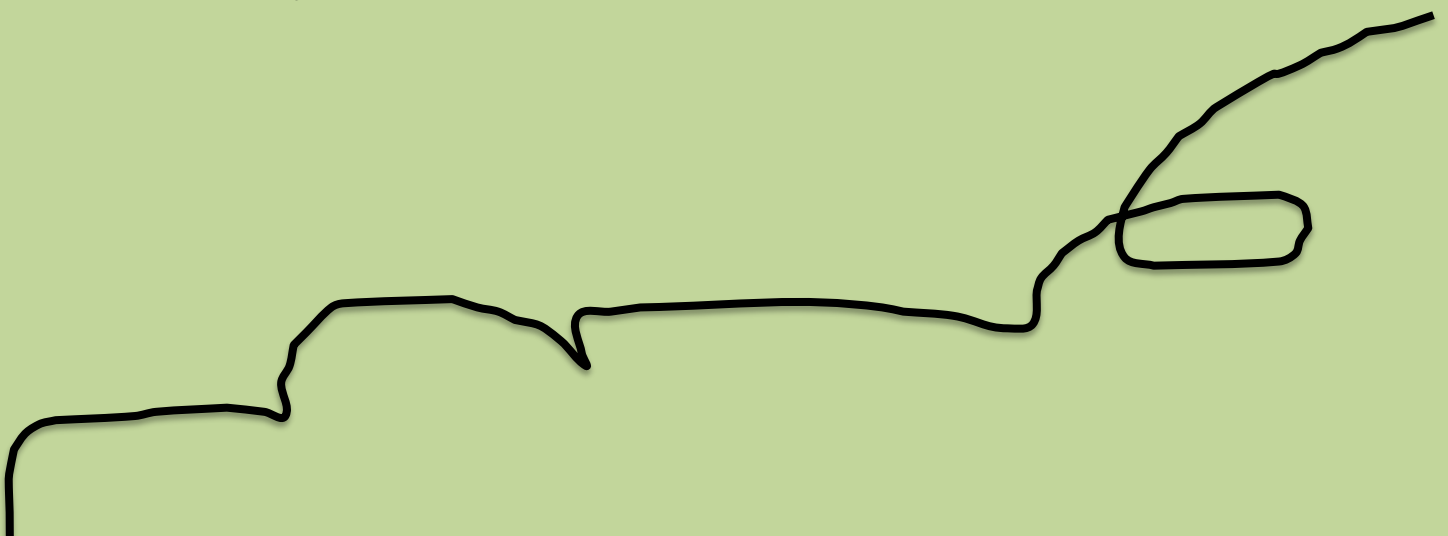
Assim, aconteceu algo inusitado. Ouvi um canto de rouxinol, junto a mim. Procurei e o encontrei entre os galhos da jabuticabeira, ele viera se despedir. Dei-lhe adeus e ele se foi, pra sempre.

Em casa, transformei a gaiola numa casinha de bonecas. Não queria que servisse de prisão para mais outro ser.

Ah, a difícil e poética arte do deixar partir, do desapegar-se, do desamar!

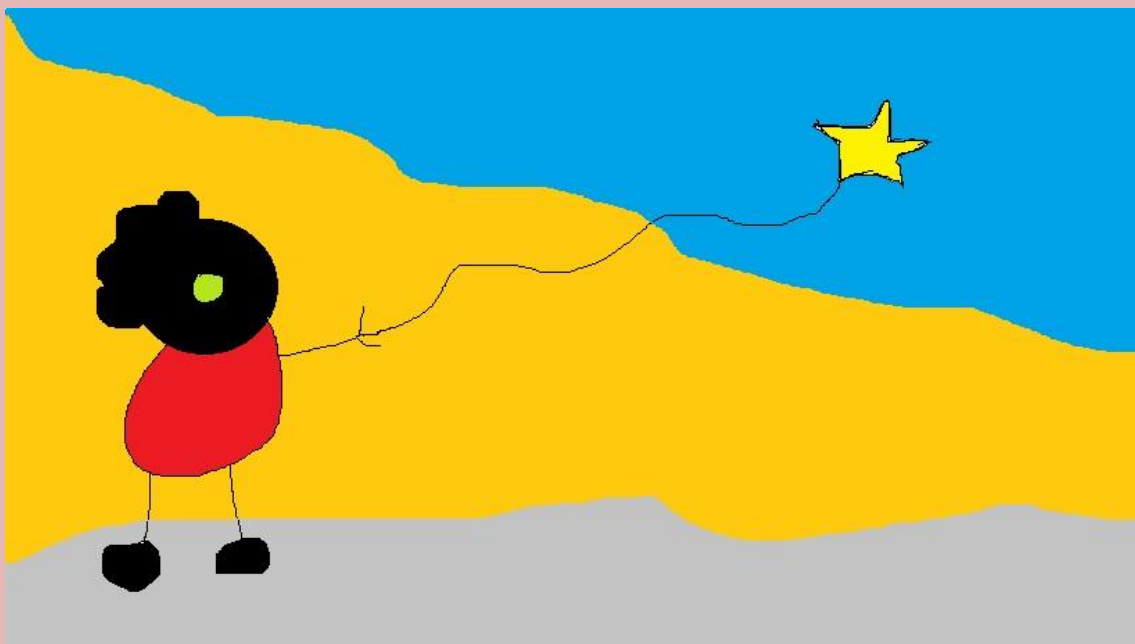
Ainda hoje pratico essa arte, vez em quando um rouxinol me aparece, ou uma pandorga. O ego quer que fique, a vaidade também. Mas o amor, esse diz: Deixa ir... Se voltar é porque você lhe pertence e ele a ti.

Até hoje nunca voltaram...



Os meninos da minha rua puxam estrelas
do céu com barbante.

Rosângela Trajano





3221.4602

Avenida Rio Branco, 335
Ribeira | 59025-003 | Natal/RN
lucgraf@yahoo.com.br